

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
PROJETO A VEZ DO MESTRE**

**TÉCNICAS EXPRESSIVAS E MATERIAIS
DA ARTETERAPIA
UMA PROPOSTA DE CONHECIMENTO
E DESCOBERTAS PARA O ALUNO SURDO**

**Por: Eliane do Nascimento Gouvêa
Orientador
Prof. Ms. Marco A. Larosa**

Rio de Janeiro

2005

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
PROJETO A VEZ DO MESTRE**

**RECURSOS DA ARTETERAPIA
UMA PROPOSTA DE CONHECIMENTO
E DESCOBERTAS PARA O ALUNO SURDO**

Apresentação de monografia à Universidade Candido Mendes como condição prévia para a conclusão do Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” em Arteterapia em Educação e Saúde, objetivando aprofundar e ampliar o estudo da Arteterapia e sua aplicação na área de Educação Especial, focalizando principalmente o deficiente auditivo.

Por: Eliane do Nascimento Gouvêa

AGRADECIMENTOS

....a todos os autores, ao corpo docente do INES e do Projeto “A Vez do Mestre” e ao Prof. Orientador Ms.Marco Larosa, por sua paciência e dedicação.

Aos alunos, amigos e pessoas que diretamente, contribuíram para a confecção desse trabalho acadêmico e sua constante atualização.

DEDICATÓRIA

.....dedico essa monografia a minha mãe Gedalia e familiares, que tanto me incentivaram, para a sua confecção e aperfeiçoamento .

RESUMO

Encontrei a Arteterapia motivada por essa busca constante de conhecer melhor o meu aluno surdo, e tentar encontrar ferramentas que pudessem auxiliá-lo a se conhecer , conhecer o outro e a se desenvolver num espaço mais criativo e mais participativo. Vivendo num momento de questionamento, se a inclusão é um processo bom ou não para o surdo, surge primeiramente a pergunta, será que conhecemos realmente quem é esse indivíduo diferente de nós ? E, será que a utilização da Arteterapia poderá auxiliar a Educação a descobrir quem é esse aluno, e também auxiliá-lo a encontrar respostas para viver nesse mundo de preconceitos e discriminações ao diferente ?

Nesse estudo vislumbro o início de uma resposta, onde a Arteterapia junto da Arte-educação criam um caminho único, ligadas principalmente por algo milenar proveniente da criatividade humana – a Arte. Através dela o homem pode voltar a ser homem, ir além do material e alcançar o mundo mágico do inimaginável. A Arte tem esse poder , de nos identificar, de nos unir, nos agregar, e nos curar.

A utilização da Arteterapia e suas técnicas, vivências e materiais, nos trouxeram respostas satisfatórias que demonstraram ser possível sua aplicação em aula, propiciando a esse aluno não só momentos de criatividade e conhecimento, mas também momentos para que ele se conhecesse e conhecesse o outro, encontrando respostas para seus conflitos, descobrindo suas potencialidades, e efetivando conscientemente a sua participação como ser humano nesse universo escolar.

METODOLOGIA

Utilizou-se nessa monografia pesquisa bibliográfica , que pudesse apresentar ao leitor, de forma simples , sensível e de fácil compreensão, como é ser uma pessoa surda. No segundo momento de pesquisa bibliográfica, buscou-se material que apresentasse a Arte como expressão importante e vital do ser humano, e a Arteterapia como um novo caminho para o encontro do ser humano com ele mesmo. Bibliografia que trouxesse um resumo histórico da Arteterapia , seus recursos , finalidade e propostas .

Já no terceiro momento , utiliza-se uma pesquisa bibliográfica para traçar uma pequena trajetória da Arte-Educação no Brasil , e sua influência na Educação Especial . Que já começa a apresentar os primeiros traços do uso da Arteterapia , com vistas a melhoria do equilíbrio emocional e comportamental do surdo , aplicando materiais plásticos , como também atividades expressivas, voltadas para a melhora da auto-estima , reforço da identidade e valorização da criatividade . E outras , já mais atuais, onde algumas técnicas expressivas e materiais da Arteterapia são empregados na aula de Arte. Destacando-se os problemas encontrados em aula e as estratégias para a resolução dos mesmos.

E finalmente , apresentar a Arteterapia como um processo além da Arte-Educação, voltada para o conhecimento do aluno surdo, e seu autoconhecimento. Exemplificando com atividades realizadas em turmas do INES, das quais já lecionei ou leciono, relatando suas respostas e avaliações.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	
O SURDO – EXPERIÊNCIA DIFERENTE DE VIDA	11
1.1– Primeiro Desafio: Experimente seus olhos para ouvir	12
1.1.1 – Segundo Desafio : Ser uma não-pessoa	15
1.2-Língua de Sinais X Língua Oral	15
1. – A Língua de Sinais	15
1. – Últimas Considerações	17
CAPÍTULO II	
ARTETERAPIA, UM NOVO CAMINHO	18
1. – Os Símbolos	19
2. - Arteterapia e sua história, um breve resumo	20
3. - Arteterapia – o processo	21
4. - O valor dos materiais e as técnicas expressivas	22
5. - Últimas Considerações	23
CAPÍTULO III	
ARTE-EDUCAÇÃO – O INÍCIO	24
1. – A Arte-educação na Escola Especial (alunos surdos)	25
2. - A Arte-educação + Arteterapia	26
3.2.1- Arte-educação, numa visão terapêutica	27
1. – No INES, a busca de respostas	28
2. - Outras experiências mais atuais	29
1. – Últimas Considerações	30

CAPÍTULO IV

A ARTETERAPIA E O ALUNO SURDO, UM CAMINHO

DE DESCOBERTAS	31
1. – A importância da imagem para o surdo	32
2. - A importância da criatividade para o surdo	33
3. - O desenvolvimento do diálogo	34
4. - O início de um novo caminho	35
1. – As Etapas	36
4.5 – Últimas Considerações	37
CONCLUSÃO	48
ANEXOS	49
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	52
BIBLIOGRAFIA CITADA	54
ÍNDICE	55

INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos nos trouxeram grandes benefícios, como por exemplo, o privilégio de contactar pessoas em vários lugares do Planeta, pela comunicação, pela internet. O desenvolvimento na área da saúde, na melhoria da qualidade de vida do paciente, através de instrumentos e maquinários que aumentam o tempo de vida. Todo esse progresso é visivelmente palpável para alguns, para outros não, mas todos concordam que na sua grande maioria eles são úteis para a sociedade. Mas, será que conseguimos lidar com tudo isso, absorver e acompanhar a velocidade com que as coisas acontecem? Será que não estamos sendo atropelados por esses avanços?

Todo esse avanço, próprio do nosso sistema econômico atual, nos leva a

uma sociedade “global” , onde encontramos na Cultura, alguns valores eleitos para serem “ universalizados “ pelos meios de comunicação : o utilitarismo, o consumismo, o modismo e etc. Por isso as nossas identidades, o nosso “ Eu “ , diferente do outro, se encontra desintegrado, resultado dessa homogeneização cultural, fruto da tão famosa globalização. Fazemos e nos tornamos, sem percebermos, parte de uma mesma engrenagem, onde não temos mais importância, tudo é descartável, as pessoas, as relações, tudo... Segundo o historiador inglês Eric Hobsbawn “As pessoas são mais caras que as máquinas... As pessoas estão sendo descartadas enquanto produtoras, mas a economia precisa dessas pessoas como consumidoras.“(HOBSBAWN, 1995, Folha de S.Paulo).

O consumismo desenfreado para parecermos algo que não somos. O individualismo, egoísmo, o desejo de ganhar, competir, é a lei de “tirar vantagem “e de ser o mais esperto. Mas, o que vem a ser tudo isso senão a desumanização. A ordem é TER e não SER, que gera frustrações, conflitos, violências.

O respeito, o valor do ser humano, como único diferente e especial, com sentimentos que merecem ser compartilhados, próprios , exclusivos e sensíveis, será que não tem mais espaço ? O padrão fala mais alto e acaba-se por desistir ou esquecer-se de SER?

De alguma forma somos todos diferentes e esse caráter plural é o que marca a diferença (...) Se escolhesse ser orientado pela semelhança ou pela padronização eu seria apenas um a mais na multidão. (PEREIRA, 2003, p. 119)

Para alguns essa consciência já tomou forma, o grito pelo ser humano. Pontos de lutas, pontas de icebergs, que gritam pelas minorias desrespeitadas – mulheres, negros, deficientes, idosos, como também pela nossa identidade nacional. Porém, a questão mais profunda é: sair da “massa” - do homogêneo , e ir para o heterogêneo – o diferente . Lidar com o diferente precisa ter coragem para mudar, para enfrentar conflitos, tanto exteriores quanto interiores. É um

desafio para todo aquele que queira quebrar esse padrão estabelecido e valorizar o ser humano pelo o que ele “É”.

O conflito não é algo negativo, é positivo e necessário , porque através dele nós crescemos , amadurecemos. Muitas vezes, na prática, a diferença produz preconceitos, e eles, normalmente são gerados pela falta de conhecimento do outro. Mas estamos trilhando um caminho novo, onde o diferente , embora ainda incomodando , está inserido no meio social, já que no passado, era sumariamente excluído.

A Educação tem uma responsabilidade nessa realidade. A Escola Inclusiva, que veio reforçar a Declaração dos Direitos Humanos (1948) e o Decreto de 2001, no Brasil , assegura o direito de todos à Educação.

A partir desse momento, oficializa-se a obrigatoriedade de provisão educacional para os portadores de deficiências e outras minorias excluídas. Trazendo uma visão de mudança e incorporando a idéia da “ diversidade” , de aprender com o diferente , de aprender com essa s diferenças , e acreditar que pode ser enriquecedor.

Porém isso é apenas um começo, só conseguiremos alcançar o objetivo principal, quando tratarmos a todos com respeito e justiça. Quando olharmos o outro, como alguém com valor, porque o ser humano vale por si só. E se isso não bastar, reconhecer a importância do outro para sua vida. Que segundo Hegel, a dependência entre um ser humano e outro vem de um impulso interno e universal. Que na realidade, é uma necessidade universal de conhecimento que se manifesta em cada indivíduo, no qual “conhecer” implica em “ conhecer-se “ , o que não pode ser atingido sem a contribuição do outro. E para Jung, o ser humano para alcançar a individuação, isto é, tornar-se um “indivíduo“, precisa do relacionamento com o outro.

Urge aprofundarmos essas questões e desenvolvermos uma Educação

para a Paz, para desenvolvermos uma Cultura de Paz entre nós, onde reconheceremos que “se não aprendermos a compreender o outro, a estabelecer com ele relação de solidariedade e parceria, não poderemos realizar as tarefas essenciais do ser humano “(CONIC , Cultura de Paz, p.40, 2005) Pondo assim em risco o futuro da Humanidade .

Essa mensagem está inserida nesse trabalho – o convite a mudança, uma mudança através da Arte, para o resgate de um olhar diferente, e o despertar de um desejo de aprender com o diferente, de crescer junto com ele, e também ajudá-lo a crescer.

Por isso, no Capítulo I, esse trabalho irá desafiá-lo a se familiarizar com uma pessoa diferente e especial - o surdo. Experimentar e sentir o seu mundo de silêncio e conhecer seus conflitos e carências, vivenciar através de depoimentos seu processo dentro desse mundo.

No Capítulo II, será apresentada a importância da Arte para o ser humano. A Arte faz parte da nossa identidade cultural e suas representações, na sua grande maioria, sempre foram “marginais “ ao sistema imposto. Parte integrante desse ser humano sensível , que sempre soube através dela ser resistente ao seu próprio extermínio. Ela vem ao nosso encontro, principalmente através da Arteterapia, assinalando respostas, que estão dentro de nós , valorizando-as através do nosso poder criador e reforçando a nossa identidade. E com certeza, nos fará encontrar o caminho de nós mesmos.

No Capítulo III, será apresentado um resumo da trajetória da Arte-Educação no Brasil, focalizando os primeiros passos da Arte-Educação na Educação Especial com alunos surdos, no Instituto Nacional de Educação de Surdos. Com propostas de aplicação dos recursos expressivos da Arte como Terapia, buscando a melhora da qualidade educacional e de vida desse aluno. E finalmente, no Capítulo IV, serão apresentadas propostas de atividades e

vivências com os recursos da Arteterapia , nas aulas de Artes , nesse mesmo Instituto. Acreditando que esse aluno conseguirá superar seus conflitos, reforçar sua identidade, e ser o seu próprio agente de mudança, de libertação do seu “status quo“. Essas experiências não têm a pretensão de ser um fim em si mesma, mas um início, um estímulo para que esse processo, essa busca continue. A busca da construção de nós mesmos. seres humanos . **“Porque, dessa forma, a diferença deixará de ser um obstáculo, ou um aspecto de valor, e que poderá beneficiar ambos os lados, ouvintes e surdos. Haverá respeito, reconhecimento, aproveitamento de potencial e crescimento.”**
Ray Pereira

CAPÍTULO I

O SURDO – EXPERIÊNCIA DIFERENTE DE VIDA

Nesse momento em que todos os olhares estão voltados para a inclusão dos alunos com necessidades especiais, percebe-se o quão pouco os profissionais das Escolas ditas Regulares e afins, desconhecem sobre o surdo, e a surdez. E o desespero se observa em cada olhar. Tanto desse aluno diferente quanto o olhar desses professores que precisam lidar com ele. Nesse capítulo você terá a oportunidade de experimentar a surdez e conhecerá um pouco mais sobre ela.

Entrei aos 6 anos e permaneci até os 13. Eu não sabia que vinha para uma escola, ninguém me explicou nada. Zero de informação. Eu estranhei tudo, mas fiquei calmo (...) Entrei pela manhã e achei que a noite voltaria para casa , mas ninguém veio me buscar. Estranhei tudo: o cheiro das roupas e do lugar(...) não era meu. (Revista Espaço, INES, Entrev. com Silas Q, 1999, p.70).

As causas para o aparecimento da surdez são diversas, porém as mais

conhecidas são a Rubéola intra-uterina, a Meningite, o sarampo, e o uso excessivo de antibióticos. O indivíduo portador de deficiência auditiva poderá apresentar diferentes graus de surdez, que serão medidos pela perda média em decibéis. Com base em Northern e Downs (1989) , e na classificação do Bureau International d' Audiophonologie BIAP , considera-se :

a) O Ouvido Normal apresentará de 0 a 25 dB (decibéis)

- O desenvolvimento do sistema auditivo se inicia na vida intra-uterina e termina por volta do primeiro ano de vida da criança. Northern e Downs (1989) descrevem as respostas que as crianças no seu desenvolvimento normal apresentam nas diferentes faixas etárias:
- Recém-nascido – despertar do sono, respostas reflexas.
- 3 a 4 meses – esforços rudimentares para virar a cabeça. Começa a inibição das respostas reflexas.
- 4 a 7 meses – localiza a fonte sonora somente para o lado. Esta fase coincide com a habilidade de se sustentar e virar a cabeça.
- 7 a 9 meses - localiza a fonte sonora para o lado e indiretamente para baixo.
- 9 a 13 meses – localiza a fonte sonora diretamente para o lado e para baixo.
- 13 a 16 meses – localiza a fonte sonora para o lado, para baixo e indiretamente para cima.
- 16 a 21 meses – localiza diretamente os sons para o lado, para baixo e para cima.
- 21 a 24 meses – localiza diretamente os sons em qualquer ângulo.

Espera-se que aos 5 anos de idade a criança já tenha o seu desenvolvimento fonológico praticamente concluído. As falhas fonéticas não deverão ocorrer.

b) O de Surdez Leve será de 25 a 35-40 dB :

Terá dificuldade em entender as palavras à distância maiores do que um metro. Em geral, a criança com surdez leve, é considerada desatenta, solicitando sempre a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda não impede a aquisição normal da Linguagem, mas poderá causar algum problema articulatório ou dificuldades na leitura e/ou escrita.

i. O de Surdez Média será de 40 a 60 dB :

Terá dificuldade em entender uma conversação em voz normal , mesmo com distância menor que um metro . É frequente o atraso de Linguagem e as alterações articulatórias , em alguns casos , graves problemas linguísticos . Terá dificuldade de compreensão em ambientes com muitos ruídos . Sua compreensão verbal estará ligada à sua aptidão para a percepção visual.

d) O de Surdez Severa será de 60 a 90 dB :

A conversa não seria entendida nem em voz alta, só percebendo alguns ruídos familiares. Só poderá perceber a voz forte, podendo chegar até 4 ou 5 anos sem aprender a falar. Se a família estiver preparada, a criança poderá chegar a adquirir alguma linguagem. A compreensão verbal dependerá da sua aptidão para a percepção visual e o contexto das situações.

e) O de Surdez Profunda será acima de 90 dB :

Terá muita dificuldade para adquirir a Linguagem Oral. O bebê que nasce surdo balbucia como o bebê de audição normal, mas, no momento em que a estimulação externa à qual não tem acesso , passa a ter importância para a aquisição da linguagem oral , suas emissões vocais começam a desaparecer . A construção da linguagem oral por essa

criança é uma tarefa difícil e árdua, porque envolverá aquisições como: conhecer o mundo sonoro aprender a utilizar todos os seus sentidos, conservar a necessidade de comunicação e de expressão, compreender a linguagem e aprender a expressar-se. Quanto maior a perda auditiva, maiores serão os problemas lingüístico, e maior será o tempo em que o deficiente precisará receber atendimento especializado.

Porém não são só os problemas lingüísticos que os surdos terão que enfrentar nessa vida. Segundo Launay e Maissonny, “A audição estrutura o tempo, enquanto o espaço se estrutura pelo mundo visual.” Além da dificuldade em estruturar o tempo, a audição é essencial para a percepção dos sinais de alerta. Ela nos mantém em contato com o que nos circunda. Por falta dela o andar da criança surda será arrastado, necessitando de trabalho psicomotor, o ritmo e a respiração, pela falta do uso da fala. **“A criança surda tem seus olhos para ouvir “ 1**

Prestava atenção aos lábios dos outros. Uma vez, minha mãe me pediu para comprar batatas. Eu olhava bem para a batata e pensava na batata . Pedia várias vezes ao vendedor e ele não entendia e perguntava : - O que quer ? ... Eu mostrava a batata, mas ele não entendia . Eu ficava muito nervoso e desistia e lá embora chorando“. (Revista Espaço. INES. Entrevista com Silas Q.,1999, p.71)

A criança surda receberá mais informações através do canal visual. A visão atua apenas para frente. O surdo precisará se dirigir para a fonte de informação, diferente do ouvinte que recebe as informações de todos os lados, através do canal auditivo. Deve dirigir-se para a fonte de informação. Ouve-se até sem querer, mas para ver é necessário olhar.

1. - **Primeiro Desafio: Experimente seus olhos para ouvir**

- Assista seus programas de TV preferidos sem som, totalmente sem som, durante uma, duas ou até quatro horas, se conseguir não dormir...Tente entender o que falam e o que está acontecendo. Se conseguir passar pelas

quatro horas, tente uma semana. Parabéns, você conseguiu! Mesmo assim essa experiência só lhe dará uma “milésima” noção de como é o mundo de silêncio do surdo.

Não havia nenhum movimento de comunicação por parte da minha da minha família comigo. Eu me sentia sozinho e tudo que eu consegui aprender foi através da minha percepção do mundo, que desenvolvi sozinho, comigo mesmo. (SILAS, entrevista, 1999, p.70)

Para suprir a ausência da audição, o surdo procurará nos outros sentidos recuperar essa comunicação com o mundo. A Visão será o seu principal sentido, a observação mais detalhada das expressões corporais, movimentos e a seqüência dos acontecimentos. Segundo o Dr. Vitor da Fonseca - **“A análise do corpo como instrumento superior de comunicação, evocará a mímica, a gestualidade e a imitação intencionais como alicerces sensoriais e motores da aprendizagem não-verbal”**. (Anais do Congresso. INES, 2004, p.29)

Antes privado de oportunidade, Joseph agora começava a apreender um pouco de SINAL, passando a ter alguma comunicação. Sua aflição ao deixar a escola era angustiante, pois voltar para casa significava para ele, retornar ao silêncio, retornar a um vazio de comunicação; significava ser ignorado, voltar a ser uma **não - pessoa**. (SACK, 1990, p. 55)

1.1.1- Segundo Desafio: Ser uma não-pessoa

“(…) aceitar uma pessoa é aceitar sua língua.” (Psiquiatra surdo norueguês Terje Basilier)

Rejeitar a língua de uma pessoa significa rejeitar a própria pessoa, criar um sentimento de exclusão, de isolamento, de não fazer parte de algo, não ser considerado igual, não estar completo.

Segundo Claudia Bisol (Espaço, INES, 2004, p.20), “ muitos pais não conseguem se comunicar e interagir com a criança, que acaba vivenciando uma

espécie de marginalidade cultural dentro de sua própria família. “ Depois, quando adolescente, na busca de um suporte imaginário entre iguais, irá encontrar somente diferenças, que criarão barreiras para constituir uma identidade.

- Use a sua imaginação:

. Imagine-se viajando para um país onde você não entenda muito bem a língua que é falada.

. Pense nestas questões? - Será que as informações que chegarão até você, serão verdadeiras? Como você se sente a respeito disso? Será que depois de algum tempo, você começará a se sentir inseguro, desconfiado e talvez até um pouco “paranóico”?

. E imagine-se, como Joseph, estar numa casa, “onde não podia ter qualquer conversa, nenhum intercâmbio, com pais, os vizinhos, os amigos.” (Sacks, 1990 , p. 55)

A sensação de se viver num país de Língua Oral é de ser “estrangeiro”, de se sentir num meio diferente, se sentir a parte, isolado da sociedade. Carlos Skliar também focaliza esse ponto - **“são muitos os testemunhos de surdos que, ao fazer referência ao seu processo educativo , evocam a imagem de serem estrangeiros , forasteiros , exilados ... Estão mencionando o ser e o sentir-se estrangeiros , o ser e sentir-se forasteiros , o ser e o sentir-se exilados mesmo... em seus próprios lugares . “ (CARLOS , Sckliar , 1997, p.274)**

A necessidade de comunicação é inerente ao ser humano. É necessário interagir com os outros, que fazem parte da nossa espécie, somos seres sociais. No processo de socialização ocorre a conscientização no indivíduo, da cultura e valores, que interferem no seu comportamento. Nada disso acontece sem a comunicação, sem a imitação do outro. Todo esse processo ganha maior pulso quando entra a linguagem, que vai assegurar a satisfação das necessidades básicas, adaptação ao meio familiar e social, sendo parte constituinte da nossa

identidade. Mas para o surdo, qual será a língua afinal, que dará suporte a todo esse processo, já que anteriormente percebemos que a Língua Oral deixa muito a desejar? Evocando a mímica, a gestualidade, e mais tarde a Língua de Sinais, o surdo construirá sua identidade e sua expressão como indivíduo.

1.2 - LÍNGUA DE SINAIS x LÍNGUA ORAL

“Em cada língua, além do uso que ela tem na esfera da comunicação, os seres humanos se expressam, se descobrem, se inventam. Cada idioma, elaborado coletivamente ao longo de séculos, manifesta determinados modos de sentir, de pensar e de viver de um determinado grupo humano. (Leandro K.)

O registro mais antigo sobre o surdo vem do séc. XVIII a.C, Moisés é o seu autor: “ Não se deve maldizer o surdo nem colocar obstáculos frente ao cego .” (Levítico 19:14) Os hebreus no seu Talmud , aceitavam a possibilidade dos surdos serem educados e se tornarem inteligentes. Porém com a cultura Greco-Romana e até a idade Média, o surdo foi considerado primeiramente como seres castigados pelos deuses e não sobreviviam, e na Idade Média , muitos morreram queimados.

O Renascimento, com a visão humanista, começou a ver o surdo como alguém com direito à educação e à socialização. E finalmente, no séc. XVIII , tem-se o primeiro embate público sobre métodos para a educação da pessoa surda, entre o abade francês Charles Michel de L'Epée (1712-1789), que criou a primeira escola pública para a criança surda , usando o método de sinais ou mímico , e o pastor alemão Samuel Heinicke (1729 -1790) , defensor do método oral.

No Congresso de Milão , em 1880 , aconteceu o abandono da Língua de

Sinais pelas escolas com crianças surdas, em detrimento da Língua Oral. Porém ela não desapareceu. Segundo Graciela Alisedo, "é a língua que os surdos se outorgaram a si mesmos. Enquanto a surdez existir , existirá a língua de surdos". No séc.XIX já existiam inúmeros institutos para alunos surdos na Europa. E foi do Instituto Nacional de Paris, que veio o fundador do atual Instituto Nacional de Educação de Surdos, do Rio de Janeiro.

Ernest Huet, francês, professor de surdos, também surdo, chegou ao Rio de Janeiro no final de 1855 para abrir a primeira escola para surdos. Com grande dificuldade de interação e comunicação e mesmo apoiado pelo Reitor do Imperial Colégio Pedro II, ele só conseguiu duas alunas. Durante um longo processo, só a partir de 19 de março de 1908, é que foi determinada a data de fundação do instituto, e em 26 de setembro de 1857, o império concede a primeira dotação orçamentária, ao agora chamado Imperial Instituto de Surdos Mudos.

Por causa de problemas políticos e econômicos com seus superiores, Huet acaba indo para o México, e outros diretores se seguiram, os quais criaram métodos de ensino com influência européia, agora com ênfase a Língua Oral, e cujo maior defensor e precursor foi o diretor Dr.Tobias Leite (1871).

Em 26 de março de 1903, destaca-se o Dr. João Brasil Silvado, abolicionista, que também diretor do Instituto Benjamin Constant, cria a revista do Instituto Nacional de Surdos - Mudos, que fazia campanhas para o direito à educação das meninas surdas. Outro destaque importante é a direção da professora Ana Rímole de Faria Dória (1951) , primeira mulher a assumir esse cargo.Criou o Curso Normal de Formação de Professores para Surdos, o Cursos de Jardim de Infância , o Curso de Especialização para professores, a Campanha pela Educação do Surdo Brasileiro, a Primeira Olimpíada Nacional de Surdos, o Curso de Artes Plásticas , acompanhado pela Escola Nacional de Belas Artes , o Centro de Logopedia e inúmeras publicações .

Observando todo o avanço na área da surdez e na concepção educativa

da pessoa surda o Instituto recebeu em 6 de julho de 1957, o nome atual de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) . E em, 1984, o MEC/CENESP abre finalmente um concurso público para o ingresso de professores. Com os ventos da Comunicação Total (que utiliza como uma de suas alternativas no processo pedagógico, a Língua de Sinais) , e a insatisfação do corpo docente com os resultados de seu trabalho , amplia-se a discussão sobre os rumos da educação de surdos

E ao longo de 1992, acontece o movimento dos profissionais pela busca do Bilingüismo, de um ensino bilíngüe para o surdo, defendendo a Língua de Sinais como sendo a primeira língua do surdo, importante para a sua estruturação e identidade, e a Língua Portuguesa (escrita e oral) como a segunda língua, para o ingresso do aluno surdo na sociedade oralista. Esse movimento se consolida a partir de 1996, com pesquisas que envolviam a implantação da abordagem educacional bilinguista em turmas da pré-escola, com convênio da UERJ / INES, sob a coordenação da linguista Eulália Fernandes.

Vale ressaltar que paralelo ao processo educacional do surdo no Rio de Janeiro, a comunidade surda assume a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (Feneida) , em 1987 , que passa a se chamar - Feneis (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) . Que em termos de sociedade e comunidade surda, essa associação passa a lutar pelos direitos dos surdos, e pelo reconhecimento da identidade e cultura do surdo, até hoje. Conquistas estas, que a partir de 1998, junto com a TELERJ (RJ) , inaugurou a Central de Atendimento ao surdo – através do número 1402, o surdo com o seu TS, pode se comunicar com o ouvinte em telefone convencional. E mais tarde, cria-se o telefone celular para surdos.

Embora ao longo da história, os preceitos do oralismo tenham imperado, no cotidiano, nos corredores , nos pátios , no recreio , a Língua de Sinais nunca deixou de existir . Foi reconhecida até pelo diretor Tobias Leite, que publicou em

1875 o livro “Iconografia dos Sinais dos Surdos – Mudos“, onde encontramos a frase - “ Vulgarizar a Linguagem dos Signais , meio predileto dos surdos-mudos para a **manifestação dos seus sentimentos .”**

Mas como é essa Língua de Sinais?

Nasci surda e meus pais e meu irmão são surdos. Adquiri naturalmente a Língua de Sinais e passei a conviver na comunicação com meus pais e irmãos. Aprendi todas as regras da vida ao vivenciar os costumes e a cultura surda. Cresci estudando nas escolas de ouvintes, e meu pai me ensinou a ter coragem ao me comunicar com qualquer pessoa, mesmo com dificuldade, desde que haja qualquer comunicação: mímica, gesto, escrita. (Heloise Gripp, Anais do INES / 2000, p.2)

De acordo com vários estudos se faz necessário ao surdo conhecer e aprender a língua oral do seu País, para conhecer a sociedade em que vive, e a cultura oral do ouvinte. Mas para o seu desenvolvimento intelectual, identidade, identificação, o surdo desde pequeno precisa utilizar a sua própria língua, a sua primeira Língua, a Língua de Sinais.

1. - A LÍNGUA DE SINAIS

A Língua de Sinais é uma língua de modalidade gestual – visual que utiliza como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão. O que é denominado de palavra ou item lexical na Língua Oral, são denominados sinais nas línguas de sinais. Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo.

No Brasil, tem-se notícia de duas línguas distintas. A comunidade surda urbana utiliza a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais); e a LSKB, utilizada pela comunidade indígena Urubu – Kaapor (Amazônia). Como toda língua, ela apresentará diferença quanto ao seu uso em relação à região, ao grupo social, à faixa etária e ao gênero. Segundo Lucinda Ferreira Brito (Revista Espaço, INES, 1990, p. 20), a Língua de Sinais tem três parâmetros fonológicos básicos:

a) Configuração das Mãos – forma das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual , cuja finalidade é a soletração de palavras da língua oral) , ou outras formas feitas pela mão dominante. Os sinais aprender e sábado, têm a mesma configuração de mãos e são utilizados, na testa e na boca, respectivamente. (Anexo 1 e 2)

b) Movimento – os sinais podem ter movimento ou não. Por exemplo , movimento de contorno ou a forma geométrica (retilíneo , helicoidal , espiral etc) ; de interação (alternado , de aproximação, de separação e outros) ; de contato (de ligação , de agarrar , de toque , de riscar e outros) ; e de direção e orientação . (Anexo 3 e 4)

c) Ponto de articulação – é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro. (Anexo 5) Segundo Tanya A .Felipe (2001, p.21), além destes três parâmetros , ela considera mais um, a Expressão Facial e/ou corporal .

d) Expressão Facial e/ou corporal – tem como traço diferenciador a expressão facial e/ou corporal, demonstrando principalmente sentimentos. Por exemplo, o sinal triste, se não for acompanhado da expressão facial, poderá ser confundido com o sinal exemplo. (Anexo 5)

Entendo o valor da oralização, mas é imprescindível que esta nunca substitua a Língua de Sinais. Estudei numa escola regular com salas especiais para surdos, em Brasília. Era bom, mas os surdos formavam grupinhos (...) não havia integração. Optei pela mudez porque as pessoas têm preconceito contra a Língua de Sinais. Fechei a boca para lutar por ela, pois sem o preconceito eu poderia falar como qualquer um. (Nelson Pimenta, INES – entrev. Revista espaço/1999, p.61)

A história da educação nos tem dado exemplos de violência, tanto nas escolas regulares quanto nas escolas especiais. Violências, não somente física mas também psíquica, visando uma normalização.

Segundo Skliar (INES, Espaço, 1997, p.39), “foram mais de 100 anos de práticas ofuscadas pela correção, normalização e violência institucional; instituições que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência (Lane,

1993) quanto pela eficácia para controlar, separar e negar a existência mesma da comunidade, da língua e dos fatos culturais que determinam as diferenças dos surdos em relação a quaisquer outros grupos“.

Estamos vivendo o momento de “Inclusão“, será que incluir um surdo numa sala de 50 alunos ouvintes, é o suficiente? Antes de nos aprofundarmos nos aspectos da surdez e suas implicações, é preciso compreender e aceitar dois pontos importantes, que fazem parte de todos os seres humanos:

a) A construção da identidade acontece na interação com o mundo, com o outro. Essa construção acontecerá através do olhar. Segundo Renato D. Luz (Espaço, INES, 2003 , p.5) , “ Será o olhar deste outro que constituirá o “ eu “. E será a qualidade desse olhar que exercerá uma influência positiva ou não na constituição desse indivíduo. Por isso fica a pergunta para nós , como será que estamos olhando esse indivíduo?

b) Que todo ser humano busca se comunicar, isso é uma busca natural, mas essa busca será bem – sucedida se houver um ambiente estimulante e adequado. Só assim se alcançará um refinamento lingüístico, superando a comunicação não – verbal e indo para a direção do domínio de uma língua.

Através do desenvolvimento lingüístico é que o indivíduo pode conhecer o mundo, trocar experiências, adquirir a noção de tempo e espaço, a interiorização de valores e normas sociais, fundamental para o desenvolvimento emocional, social, cognitivo e intelectual desse indivíduo.

Por isso o Bilingüismo ou uma educação bilíngüe, até o presente momento, é a melhor abordagem educacional para o surdo, porque propõe outra forma de olhar a pessoa surda, e que deve acompanhar esse processo de inclusão. Ele valoriza a LS (Língua de Sinais), como estruturante dessa pessoa (sua primeira língua) e que somente através dessa base lingüística, a pessoa surda poderá aprender a escrita e/ou língua oral (segunda língua). Atualmente assegurado pelas Leis:

c) LEI FEDERAL Nº 10.436, 24 / 04 / 2002

É reconhecido o estatuto da LIBRAS como língua oficial da comunidade surda , com implicações para a sua divulgação e ensino, para o acesso bilíngüe à informação em ambientes institucionais para a capacitação dos professores que trabalham com surdos. (BRASIL, 2002, v.2, p. 62)

d) PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 180, DE 2004

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 26 – B:

“Art. 26 – B – Será garantida às pessoas surdas, em todas as etapas e modalidades da educação básica, nas redes públicas e privadas de ensino, a oferta da Língua Brasileira de Sinais “LIBRAS.”

Ele traz consigo, a criação de espaços mais democráticos na escola , a discussão do envolvimento e conscientização dos familiares para esse aluno, e o respeito e consideração a um desenvolvimento mais integrante. Esse caminho aponta numa direção menos violenta, e mais sensível às potencialidades dos surdos.

Então será que não cabe a nós falantes da Língua Oral, ficarmos alguns momentos “mudos“ para podermos perceber o diferente, e aprendermos com ele? Ser Surdo é ter uma experiência diferente de vida, mas todos nós somos diferentes. Precisamos esquecer o estigma do preconceito do passado, onde o surdo era considerado um deficiente, seres desqualificados e inferiores, porque faltava algo, e avançarmos dentro de um século XXI, pautado no respeito às diferenças. E, afirmarmos como o médico e pesquisador Carlos Sánchez, em entrevista à Revista Escola (1993 , p.34), “Quando os pais acabam de receber o diagnóstico de que seu filho é surdo, eu digo a eles, com a convicção de que falo a verdade : Seu filho é normal ; pode ser inteligente, criativo. Só que ele fala outra língua ; ele é um estrangeiro”.

1.3 - Últimas Considerações

Se pensarmos numa comparação entre a cegueira e a surdez, a surdez seria considerada a mais prejudicial ao homem, porque o priva do contato afetivo com outro ser humano, e de um desenvolvimento cognitivo adequado para a aquisição da linguagem. A exposição tardia de sua língua, a LS, faz com que o surdo perca o domínio dessa língua.

Recordo-me de duas crianças que encontrei no Jardim de Infância, há 8 anos atrás, mais ou menos entre 4 e 5 anos de idade. O aluno (A) filho de pais surdos e o aluno (B) filho de pais ouvintes estavam numa turma com mais quatro crianças. (A) muito comunicativo e esperto, mas (B) demonstrava estar assustado, apático e com os olhinhos assustados de dar pena. Propus uma atividade plástica, desenhar. (A) rapidamente sinalizou explicando que o colega não sabia nada em LS, era novo e estava com medo. Pedi para ele me ajudar, e prontamente levantou-se e o trouxe para junto de nós, ensinando como segurar o lápis e o que fazer.

Fiquei surpresa com seu desembaraço acostumada a só trabalhar com adultos surdos, que muitos apresentam um grande déficit na LS. Reporto-me agora para 2004/2005, onde ainda encontro crianças de 9 a 10 anos, analfabetas, distantes e isoladas, sendo muitas vezes consideradas agressivas e deficientes mentais por nossa sociedade. E adultos analfabetos sem saberem seus nomes, lugar onde moram e com quem, ou adolescentes reclamando que não tiveram uma mãe para lhes aconselhar, ou dizer o que podia ou não fazer, por causa do abismo lingüístico entre eles.

O Brasil é muito grande, e também enorme o número de surdos neste país. Estamos caminhando para uma mudança nesta realidade, com a melhora na detecção precoce da surdez, na saúde; e na educação, a busca de soluções para a integração do surdo na sociedade. Nesse momento nas escolas regulares, está chegando ao segundo grau vários alunos com necessidades especiais, e cada ano este número tem aumentado. Percebo professores assustados, mas que estão procurando soluções, tentando conhecer mais sobre a surdez e compreender o aluno surdo.

Um longo caminho já foi percorrido até aqui, mas ainda há muito trabalho,

por isso retorno a valorização do modelo de ensino bilíngüe, onde o meu aluno poderá se constituir como sujeito, comunicando-se através da LS, própria de seu mundo visual. E só o tempo poderá nos dizer, se juntos conseguimos criar momentos significativos para ambos.

CAPÍTULO II

ARTETERAPIA, UM NOVO CAMINHO

De acordo com a Associação Americana de Arteterapia , Arteterapia é um serviço profissional que utiliza a arte na comunicação , imagens , num processo artístico/criativo com respostas do paciente/cliente² dentro de uma produção, que o levará a reflexão sobre o seu desenvolvimento individual , habilidade , personalidade , interesse , preocupação e conflitos.

A prática da Arteterapia é baseada no conhecimento do desenvolvimento humano e nas teorias psicológicas, que estarão implementadas em todo o modelo de avaliação e tratamento, incluindo educacional, psicodinâmico, cognitivo, transpessoal e outro processo terapêutico que signifique a harmonização dos conflitos emocionais, soluções de problemas, redução da ansiedade, adicionando orientação para a realidade e a elevação da auto-estima.

Uma variedade de métodos artísticos é utilizada pela Arteterapia, e dividido em diferentes áreas profissionais, como Musicoterapia, Dançaterapia, Psicodrama, Videoterapia, Terapias Expressivas e outros. Aqui no Brasil, como

ainda é um caminho muito novo, duas correntes se sobressaem, uma no Rio de Janeiro e a outra em S.Paulo, a primeira voltada para a psicologia junguiana e a segunda com uma visão para a Gestalt Terapia.

Segundo Ângela Philippini (1998, p.5), “Existem inúmeras possibilidades de conceituar Arteterapia . Uma delas é considerá-la como um processo terapêutico decorrente da utilização de modalidades expressivas diversas, que servem à materialização de símbolos.

Estas criações simbólicas expressam e representam níveis profundos e inconscientes da psique, configurando um documentário que permite o confronto, no nível da consciência, destas informações, propiciando “insights” e posterior transformação e expansão da estrutura psíquica. Não haverá assim, a preocupação estética e com técnicas, sendo privilegiada a possibilidade de expressão e comunicação e o resgate e ampliação de possibilidades criativas”.

2.1- Os Símbolos

A Arte é inerente ao ser humano, desde os seus primórdios, o homem sempre teve necessidade de se expressar através da Arte. De caráter mágico ou não, as paredes de Lascaux até a Serra da Capivara (Brasil) , os nossos antepassados representaram através dos desenhos o seu mundo exterior. Nesse ato de criar, apropriou-se simbolicamente daquele mundo, capturando na representação visual, um novo significado em “formas simbólicas“ . Como definiu o filósofo alemão Ernst Cassirer (1874 – 1945), “o homem é um animal simbólico”. Somos seres simbólicos, criamos símbolos, ordenando e interpretando o mundo por meio de sistemas de representação; isto é, sistemas simbólicos - linguagens.

Através dessa linguagem, que pode ser verbal ou não-verbal , nós nos comunicamos, interagimos com o mundo a nossa volta, interpretamos as realidades desse mundo. e conseqüentemente refletimos o nosso modo de estar-no-mundo. Para Vygotsky a formação acontece numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade. E, para MATURANA e VARELA, (2001, p. 11), “pode-se dizer que construímos o mundo e, ao mesmo tempo somos construídos por ele. Como em todo processo entram sempre outras pessoas e os demais

seres vivos, tal construção é necessariamente compartilhada“.

Segundo Liomar Andrade (2000, p.29), "o cérebro executará constantemente um processo de ideação através do princípio de simbolização. É o ponto de partida de toda a vida intelectual, seja o pensar, o raciocinar, o fantasiar, o entender, o sonho, o devaneio, a fantasia“. Cada um de nós, é o resultado dessa interação ou "leitura" desse mundo, dessa realidade, que chega até nós. Nós a interpretamos e nos construímos como sujeito.

Durante a sua vida o homem irá utilizar a imagem, fonte de sua construção lingüística num intercâmbio permanente , entre pré-símbolos e símbolos, dirigidos por motivação afetiva associada à percepção do que acontece a sua volta. O fenômeno visual precede a fala, por isso essas imagens fornecem estratos mais profundos do inconsciente, que segundo Freud será um lugar de origem individual da personalidade, ou segundo Jung, como arquétipos e ligação com o coletivo (inconsciente coletivo).

Existe um longo caminho traçado pela Psicologia para explicar o processo de construção do pensamento e da psique humana, e sua relação e interação com o mundo a sua volta. Não cabe neste trabalho levantarmos todas essas questões. Porém gostaríamos de focalizar historicamente, os passos para a chegada da Arteterapia, como outro modelo para o entendimento do ser humano.

2.2 - Arteterapia e sua história, um breve resumo

A Arte não pode mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança da consciência de homens e mulheres, que poderiam mudar o mundo. (Herbert Marcuse)

A Arte, como expressão, é o resultado das atividades consciente e inconsciente da nossa apreensão do mundo. Ela é a concretização simbólica da vida psíquica. Através dela o ser humano resgata o seu potencial criativo, projetando seus conflitos e propiciando a sua análise e sua possível resolução. Os primeiros relatos da utilização da Arte junto à terapia vem do século XIX, com o médico psiquiatra Max Simon (1876) , que publicou pesquisa sobre as manifestações artísticas de doentes mentais; como também em 1888, o advogado criminalista, Lombroso, que fez análises psicopatológicas dos desenhos de doentes mentais para classificar as doenças.

Já no século XX, Freud, estudou os artistas e suas obras e observou que o inconsciente se manifestava por meio de imagens e que elas escapavam da censura da mente com mais facilidade que as palavras. Muitos de seus pacientes, quando relatando seus sonhos ou fantasias, sentiam dificuldades de traduzirem essas experiências do inconsciente para uma comunicação verbal e pediam para desenhá-las.

Jung, na década de 20, começou a utilizar a arte como parte do tratamento, pedindo a seus pacientes que desenhassem imagens, sonhos e situações conflituosas. Configurou a Psicologia Analítica. Para ele a criatividade é uma função psíquica e pode ser usada como componente de cura - "Arte é a expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão, é sensibilidade, criatividade, é vida". (Jung, 1920).

Já no Brasil, 1923, Osório Cesar, como estudante do Hospital do Juquerí , criou a Escola Livre de Artes Plásticas do Juquerí. Acreditava que o fazer arte já propiciava a cura, porque o paciente destrói, cria e recria o mundo exterior nas suas representações mentais.

Com as transformações culturais surgem as Terapias Expressivas e Arteterapias. Ultrapassando os estudos psiquiátricos, são aplicadas como método terapêutico em consultórios, instituições, individualmente ou em grupo, crianças, adultos e outros. A expressividade ou a arte passa a ser um instrumento técnico e conceitual. Surge um conjunto de possibilidades na psicoterapia de se utilizar os recursos das artes plásticas e outras expressões, como a música, dança, dramatização, entre outros. Então em 1941, Margareth Naumburg, sistematiza a Arteterapia.

No Brasil , em 1946 , Nise da Silveira, criou a sessão de Terapia Ocupacional, um Atelier de Pintura, no Centro Psiquiátrico D.Pedro II, hoje conhecido como Instituto Municipal Nise da Silveira. E em 1952, inaugura o Museu do Inconsciente, com 350 mil trabalhos. E em 1977, também no Brasil, surge a proposta de terapia através da Dança, com Norberto Silva.

Bem mais recente, em 1996, no Rio de Janeiro, surge o Primeiro Curso de Pós-Graduação em Arteterapia. E finalmente em 1999, foi criada a Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro.

2.3 – Arteterapia – o processo

A Arte abre os armários, o ar sai do porão e do sótão. Ela traz a cura. (Julian Cameron do seu livro “The Art”)

O processo individual arteterapêutico, consiste na criação de obras artísticas, sem a preocupação estética e sim expressão de sentimentos. Esta catarse faz com que o indivíduo se reorganize internamente. Neste processo ele é forçado a se confrontar com o seu interior, e liberar emoções.

Após a obra realizada com os materiais plásticos, cabe ao arteterapeuta

solicitar ao paciente/cliente que fale sobre o seu trabalho, será um diálogo com a sua obra, um discurso com as suas imagens, que segundo Fayga Ostrower um diálogo com “as formas psíquicas”.

Das primeiras experimentações surgirão dados mais pertinentes, através de configurações simbólicas, que para serem melhor compreendidas deverão ser gradativamente amplificadas; isto é, repetidas com diferentes materiais (bidimensionais e tridimensionais), ou modalidades expressivas. Que poderão ser complementadas pelo rastreamento cultural dos símbolos produzidos, ou mapeamento em significados coletivos. O arteterapeuta deverá observar todo o processo de construção do trabalho, como também seu conteúdo.

Para trabalhos em grupos, ou intervalos curtos como workshops, é sugerido por Ângela Philippini (1998, p.7), “utilizar como continentes simbólicos temas ligados à exploração, expansão e transformação do processo criativo“. São reflexões como : Quem sou eu ? Do que necessito? E outras questões existenciais. Mas para Janie Rhyne, com uma visão Gestáltica, sugere uma proposta tanto individual como grupal, o desenho de fantasias, sonhos, o sentir, pensar, atuar e expressar, que seriam veículos para a tomada da consciência. (ANDRADE, 2000, p.129)

Alguns arteterapeutas introduzem momentos anteriores à produção plástica, utilizando a música e a expressão corporal, com o objetivo de sensibilizar e diminuir a ação do Ego e liberar mais facilmente o inconsciente. Dentro deste processo em Arteterapia , os materiais plásticos terão um papel fundamental .

2.4- O valor dos materiais e as técnicas expressivas

O emprego do material é muito importante para o processo

arteterapêutico, porque cada um em particular, conterà propriedades que mobilizarão as emoções e sentimentos, diferentemente em cada paciente/cliente. É necessário uma análise e estudo prévio, pois poderão penetrar de maneira mais rápida e eficiente, ou se utilizado erroneamente dificultar e agravar os conflitos do paciente/cliente. Como por exemplo, através da pintura, do uso da tinta, um dos objetivos a alcançar com este material, é o despertar das emoções e sentimentos, por isso precisa ser utilizado cuidadosamente. Outro exemplo, o barro, é um material de fácil construção, ele pode ser “quebrado” e “reconstruído” várias vezes, propiciando momentos de catarse, por isso, é também indicado para pessoas com muita agressividade, para descarregar toda a sua raiva. E não causando no paciente/cliente desconforto por danificar o material. Destacam-se aqui alguns exemplos de técnicas e materiais, com seus respectivos objetivos no processo terapêutico:

a) Desenho

Pode ser realizado com giz de cera, pastel a óleo, pastel seco, lápis de cor, lápis de cor aquarelado, hidrocor, carvão e lápis grafite. No desenho, a coordenação motora fina é trabalhada, portanto o controle é essencial, não só o motor, mas principalmente o intelectual. A atenção, a concentração e o contato com a realidade são explorados. O desenho de cópia, enfoca a atenção na realidade exterior e é indicado para pessoas que fantasiam, sonham, obrigando-as a perceber e reproduzir a realidade.

a.1) Exemplo de técnica - Uso do lápis cera e nanquim

- Material: papel tamanho A4 ou A3, nanquim preto, alfinete ou estilete.
- Procedimento: Colorir todo o papel com diferentes cores do lápis cera.

Depois de cobrir todo o desenho com nanquim esperar secar. Desenhar com um alfinete, ou estilete, riscando ou raspando o nanquim.

- Esta atividade produz um fator surpresa durante o processo, já que a pessoa não sabe o que irá acontecer. Para alguns é um prazer descobrir

que através da raspagem do nanquim, ele poderá criar formas e linhas coloridas. Porém para outros, gera desconforto, porque esse desenho não poderá ser apagado nem corrigido.

b) Pintura

Junto com a pintura fluem as emoções e sentimentos. As tintas geralmente utilizadas são: guache, aquarela, anilina, óleo, acrílica e nanquim. Estes materiais por despertarem facilmente as emoções precisam ser cuidadosamente utilizados.

b.1) Exemplo de técnica – Uso da Aquarela

- Material: papel canson, aquarela (bisnagas), pincéis.
- Procedimento: Diluir a aquarela em potes pequenos, com água. Muita água, a cor fica mais clara; pouca água, a cor fica mais escura. Aplicar sobre o Canson utilizando-se movimentos rápidos e precisos, porque depois de seca a água, não se pode mudar.
- Essa técnica é uma das mais difíceis de ser trabalhada, porém o efeito de camada em tonalidades é muito interessante, embora os desenhos fiquem sem um contorno ou limite bem definido. A aquarela tem a característica da transparência. As pessoas mais controladoras sentem desconforto com essa técnica, como também, aqueles que sentem dificuldade em lidar com suas emoções.

c) Sucata

O trabalho com sucata estimula a reconstrução, a criatividade, as percepções, a atenção, a construção, a transformação, o concreto e a mudança. É um material transformador. O que antes poderia ser lixo, agora é reaproveitado. Pode-se utilizar qualquer material reaproveitável.

- Material: diversos , plásticos , vidros, papéis, madeira etc.
- Procedimento: livre.

- Por poder ser aplicado à pintura, à colagem e à modelagem, é uma atividade complexa, que mobiliza o conteúdo interno, e transforma-o, reaproveitando-o de forma benéfica. O terapeuta precisa estar atento porque é uma atividade de muita sutileza.

d) Colagem

É uma atividade reestruturante que pode ser realizada com diversos materiais, recortes de revistas, jornais, papéis diferentes, grãos, serragem e outros. A colagem de imagens recortadas é de fácil execução. Especial para as pessoas que tem dificuldade com o desenho se sente inibidas ao desenhar ou pintar. Por isso essa técnica, que já utiliza materiais prontos, cria um ambiente favorável e seguro à desinibição dos primeiros contatos. Através da colagem o paciente / cliente está realizando um trabalho interno, escolhendo imagens que fazem parte da sua vida, do seu interesse organizando-as no espaço plástico e no espaço interno.

2.5- Últimas Considerações

A Arteterapia vem proporcionar ao homem outro caminho para o seu autoconhecimento, desenvolvimento de sua criatividade e expressão. Através do processo arteterapêutico, ele consegue criar um diálogo com ele mesmo, utilizando-se da arte, e obtendo insights que o levarão a encontrar respostas para seus conflitos. Neste processo estão presentes as técnicas expressivas e seus materiais que serão utilizados pelo arteterapeuta como recursos facilitadores para sensibilizar o paciente/cliente revelando o seu interior.

A Arteterapia ainda é um caminho muito novo, mas no decorrer da história vários profissionais, médicos, psicólogos e educadores, perceberam a sua importância e eficácia no processo terapêutico. Por meio dela seus pacientes/clientes conseguiam representar ou demonstrar seus pensamentos em relação a sua interação com o mundo e com o seu interior. Sendo esse processo grupal ou individual, ou com diferentes abordagens como Junguiana, Gestáltica,

Comportamental, Psicanalítica, Antroposófica, Centrada na pessoa, Construtivista e outros, tentaram resgatar, desbloquear e fortalecer potenciais criativos, favorecendo a expressão e resolução dos conflitos de seus pacientes/clientes.

A Arte passa então, a ganhar um novo enfoque, ter uma nova função, diferente daquela que ela possuía anteriormente como expressão cultural, saindo do universo do artista e da educação, e se direcionando para a saúde. De minha parte, há a necessidade de um estudo mais aprofundado para melhor conhecer as possibilidades da Arteterapia e suas múltiplas abordagens. Porém podemos perceber o interesse crescente, na área da saúde e da educação, reconhecendo sua importância na vida do ser humano e na busca de uma melhor qualidade de vida.

CAPÍTULO III

ARTE – EDUCAÇÃO - O INÍCIO

A Semana de Arte Moderna (1922), lançou uma semente nas Artes, como também na Educação, porque através dela surgem as idéias de originalidade, imaginação criadora, comunicação, expressão, e a predominância do psicológico sobre o lógico. Nesse período acontece, também, o Movimento Escolanovista , que com sua influência , inclui a Arte como livre expressão na

Escola Primária.

Década de 40, fim da II Guerra, início da Guerra Fria, todos os olhares se voltam para o ser humano. É preciso que a Escola se volte para a formação de indivíduos que contribuam para a idéia de solidariedade, vivam uma aprendizagem democrática, de verdadeira liberdade e fraternidade. No Brasil, principalmente Rio e S.Paulo, há uma “febre artística”, criações de Museus de Arte Moderna, aberturas de salões e exposições. A Arte se volta para o Expressionismo e Abstracionismo, movimentos libertadores da imaginação e emoção.

Influenciados tanto por questões culturais quanto por outros exemplos do emprego da Arte por educadores e psiquiatras, como a Dr. Nise da Silveira, surge no Rio de Janeiro em 1948, a Escolinha de Arte do Brasil (EAB). Fundada por artistas e educadores, como Augusto Rodrigues, Lucia Valentim, Margaret Spence e Noemia Valera, entre outros, que tiveram como seu expoente o crítico de Arte e poeta inglês Herbert Read. Herbert Read, baseava-se nas concepções de Platão, Tolstoy, Jung, entre outros. Para ele, “A Arte é o nome que damos a única atividade humana que pode estabelecer uma ordem universal em tudo que fazemos e produzimos em pensamento e em imaginação. Educação pela Arte é educação para a paz.” (MAGALHÃES, 1988, p.9)

Na EAB, segundo a professora Noemia Varela, “não havia a preocupação da educação artística em si, mas através da arte pela arte, vista como básica no processo educativo, havia o sonho de educar para a liberdade, incentivar e preservar no homem o seu ser poético, tornando sua personalidade rica em valores e capaz de uma integração numa sociedade livre”. (MAGALHÃES, 1998, p.10)

Primeiramente atendendo crianças e mais tarde adultos, torna-se rapidamente um centro de treinamento de professores de Arte, influenciando especialmente dois educadores Anísio Teixeira e Helena Antipoff, psicóloga russa que se dedicou a Educação Especial.

Nas Escolas Regulares esse movimento irá crescer até que finalmente,

com aprovação do Governo, a Arte Educação é reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (4.024/1961) e mais adiante, torna-se obrigatória como Educação Artística, para o ensino no 1º grau e alguns cursos do 2º grau, na Lei 5692/71.

No final da década de 80 e meados de 90, começa-se a pensar a Educação Artística não só como expressão, mas também a sua conceituação como Cultura. A Arte é cognição e, portanto deve ser aprendida. Segundo BARBOSA (1991, p.127), “o desenvolvimento da criatividade deixou de ser objetivo, por ser natureza implícita da produção e compreensão artísticas”.

Pela Arte - Educação, não se pretende formar artistas e sim cidadãos que possam ser fruidores, conhecedores e decodificadores da obra de arte, que sejam capazes de decodificar a Gramática Visual, através da leitura e análise crítica das imagens. Então o ensino da arte fica estruturado em três campos conceituais: “criação/ produção, percepção/análise, conhecimento e contextualização conceitual-histórico-cultural da produção artístico-estética da humanidade”. (MARTINS, 1998, p.46)

3.1– A Arte – Educação na Educação Especial (alunos surdos)

A Escolinha de Arte do Brasil (EAB), também abriu as suas portas para os alunos com necessidades especiais. A convivência com Ulisses Pernambuco (médico psiquiatra, reformulador das diretrizes no campo da Psiquiatria Social, valorizou a Arte no processo de recuperação de doentes mentais), Helena Antipoff (se dedicou a Educação Especial e incentivou o intercâmbio da EAB com a Sociedade Pestalozzi do Brasil - RJ e o Complexo Educacional - MG), e colaboradores como a Dr. Nise da Silveira, ajudaram a encontrar suas diretrizes nessa área, junto com a experiência na Educação Especial da professora Noemia Varela.

E assim, juntos com outros alunos, os deficientes auditivos foram encaminhados para a EAB, que segundo Ivete Vasconcelos (professora

integrante da EAB, e fundadora da Escola Santa Cecília para Surdos, em 1957, que incluía atividades artísticas em sua metodologia), “A arte como forma de expressão e de comunicação é também muito importante para a educação da criança surda, constituindo-se num recurso maravilhoso para transmitir os sentimentos e as emoções; ela pode traduzir muitas vezes o que nem sempre a linguagem pode fazer”. (MAGALHÃES, 1998, p.19)

Também no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), como única instituição oficial para a educação de surdos no RJ e no Brasil, cria em 1953, o Curso de Artes Plásticas para os alunos, com duração de três anos. Este Curso foi estruturado tendo como modelo a Escola de Belas Artes e tinha como objetivo estimular e orientar os alunos com aptidão.

Entre os professores estavam artistas premiados e conceituados como Nancy Godoy, Bustamante Sá, Lydio Bandeira de Mello, Manoel José de Mattos, Elza Dias, Mário Toledo, Leary Paes Brasil, Maria Celeste Sarmiento Monnerat e Lygia Clark, que orientavam as aulas de Modelagem, Pintura, Desenho, Escultura, Arte Decorativa e outras áreas plásticas. E em 1958, é criada a escolinha de Arte do INES, que funciona até hoje com o nome de Núcleo de Artes, atendendo o CAPs INES, do Jardim até o 2º grau e vestibular, como também classes especiais de surdos com outras necessidades.

3.2 – Arte – Educação + Arteterapia

A arte é uma expressão inerente ao ser humano. É algo pessoal, única e expressa à linguagem do inconsciente, com a criatividade, é a essência para a Arte-Educação e a Arteterapia. A Arteterapia é uma prática terapêutica e que trabalha com vários saberes, como educação, saúde, arte e ciência, buscando

resgatar a dimensão integral do ser humano. Já a Arte-Educação, tem como objetivo a aprendizagem da Arte, e o desenvolvimento global do aluno, emocional e cognitivo, num contexto cultural.

As fronteiras entre estas duas áreas podem parecer sutis, porque a arte-educação muitas vezes pode ser terapêutica, assim também como o processo da arteterapia acaba sendo educativo. Por isso elas não são incompatíveis e podem ser utilizadas conjuntamente. Segundo URRUTIGARAY (2003, p.38), “a prática da Arteterapia não se restringe a função puramente clínica ou psicoterápica. A área educacional, por exemplo, é um grande campo para sua aplicação“. E ainda continua, aconselhando os educadores a incentivarem seus alunos a expressarem as suas emoções, assumindo um papel de agente atuante na formação de suas personalidades.

Através da Arteterapia, o educador encontrará meios para minimizar problemas de aprendizagem, como também aproveitando o conhecimento da plasticidade dos materiais, suas técnicas e vivências, empregá-los como possibilidades estruturantes, propiciando experiências libertadoras para o aluno, em um processo de auto-regulação para um autoconhecimento de si mesmo, delegando ao educador, uma dimensão que “transcende a passagem de informação, para direcionar o indivíduo para a vida”. (URRUTIGARAY, 2003, p. 39)

3.2.1– Arte-Educação, numa visão terapêutica

Relembrando , a Arteterapia é uma profissão muito recente no Brasil , em 1946, a Dr^a. Nise da Silveira cria a sessão de Terapia Ocupacional , no Centro Psiquiátrico D.Pedro II, em 1948 , surge a EAB , que mais tarde virá atender os alunos deficientes. Em 1953, cria-se o Curso de Artes Plásticas no INES, e a Arte

é utilizada em outras escolas para surdos . Desde 1982 , surge a Clínica Pomar, instituição não-governamental com influência Junguiana, que promove cursos e atua no cenário Arteterapêutico , e só mais tarde em 1999, é que surgem as Associações de Arteterapia (RJ e SP). Porém na Educação Especial , antes da década de 80 já podemos encontrar “ traços” da Arteterapia , na tentativa de conhecer e resgatar o aluno surdo através das técnicas expressivas, seus materiais e vivências.

3.2.1.1– No INES, a busca de respostas

“... cremos que proporcionando-lhes esse meio de auto-expressão, estamos auxiliando a criança surda a dar vazão a suas emoções a acelerar seus processos de maturação, a firmar sua personalidade a confiar em si e a situar-se no mundo que a rodeia. “ (Professores da Escolinha Arte , Álbum Metódico , 1965, p.4)

Escolinha de Arte do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), ano 1965, grupo de professores : Rubem Bustamante de Sá, Manoel José de Mattos, Elza Dias da Silva, João Rigo, Ângelo de Oliveira, Isa Nunes, Elza Vanjeberg, Mário Toledo, Manoel Sotto Maior, e Hilda Maria Alcantara, acessorados pela Dr^a Mariane Chirane, criam o “ Álbum Metódico Pedagógico”, que é o resultado da seleção de trabalhos feitos pelos alunos de várias idades, visando uma pesquisa psicológica, através da observação das técnicas plásticas e seus materiais . “ Esse trabalho segundo Bustamante Sá foi tão importante , que teve repercussão na Bélgica, México, Estados Unidos, Inglaterra e Chile, atraindo educadores ao INES “ (MAGALHÃES, 1988, p.22)

-Essa pesquisa visava solucionar certas questões encontradas por esse grupo, tais como :

a) crianças surdas que viviam em internato no INES, não recebendo estímulo afetivos de casa. Viviam isoladas e na sua maioria vindos de lares humildes.

b) por ser uma época de ensino com uso da Língua Oral , o surdo apresentava dificuldades na comunicação, e retardo na assimilação da linguagem.

c) percebiam nos alunos, insegurança e instabilidade emocional, agressividade, e acreditavam que isso advinha da dificuldade na comunicação e linguagem.

-E as propostas apresentadas foram :

a) transmitir estímulos visuais e táteis , através de diversos materiais.

b) usar atividades artísticas espontâneas como o desenho, a pintura e a modelagem, para o restabelecimento da segurança e estabilidade. Segundo esse grupo , “ o surdo , mesmo desmutizado, continua um ser visual, que pensa por imagens. Logo , a sua linguagem natural é a linguagem das imagens. Ela, é a válvula de escape, para todos os resíduos emocionais enjaulados por falta de expressão verbal ou pela não identificação da palavra com a emoção . “ (Grupo da Escolinha de Arte, 1965, p.7)

c) para a agressividade forneceram materiais resistentes para serem destruídos e depois reconstruídos, numa nova realidade.

d) atividades com ritmos, tambores e outros, para o trabalho corporal, junto com o teatro de mímica.

Estão registrados várias técnicas expressivas como pinturas, recorte/colagem, gravuras, desenhos, mosaicos, tecelagem, máscaras, mobiles, esculturas, suas avaliações ou aplicabilidades. Alguns exemplos:

a) Pintura sobre lixa

- Material : lixa grossa ou fina, lápis de cor, guache ou tinta óleo.
- Técnica : sobre a superfície áspera e agressiva da lixa, fazer com que o aluno sinta esta aspereza, excitando-o em sua sensibilidade.
- Finalidades : ao aplicarmos esta técnica em nossos alunos, verificamos ser a mesma mais útil aos apáticos ou distraídos .

b) Maquete com massa plástica

- Material : massa plástica de várias cores.
- Técnica : após amassá-la , tornando-a pastosa, distribuí-la entre os alunos, separados em grupos da mesma idade e interesse. Motivar essa entrega, por exemplo, com a finalidade de um suposto banquete, ou outra festa, para a qual todos colaborarão com uma qualidade de comidinha ; ou, ainda uma festa folclórica, em relação à data próxima que será abrilhantada com figurinhas executadas pelos alunos.
- Finalidades : observamos que os alunos em fases agressivas ou em idades mágico-projetivas não gostam de trabalhar com essa forma de

expressão; preferem fazê-lo em trabalhos individuais, nos quais projetam todos os seus problemas evolutivos.

c) Escultura Informal

- Material : tijolos, objetos diversos, vidros quebrados, martelo, gesso e pigmentos.
- Técnica: o aluno recebe o tijolo e quebra-o à vontade, sem interferência ou limitação de espécie alguma , evitando-se , apenas, acidentes.
- Finalidades : esta é, possivelmente, a técnica de maior valor terapêutico, pois, possibilita ao aluno a descarga total do sistema nervoso, e inteira expansão à agressividade represada.

Embora alguns materiais não sejam mais utilizados pelo próprio desenvolvimento, e pela quantidade maior de alunos em sala de aula, impossibilitando certas atividades, esse trabalho foi pioneiro na história do INES. A partir desse trabalho de pesquisa outros vieram , uns com enfoque para a Arte - Educação – Cultura , outros voltados para a busca de uma Arte para o terapêutico.

Através da utilização de várias linguagens artísticas como a Dança, o Teatro, as Artes Visuais e a Literatura. Atualmente cada vez mais, os educadores e professores com especialização e formação em Arteterapia, tentam repensar um fazer artístico para o aluno surdo se descobrir, e se redescobrir através da linguagem gestual, pensar no seu cotidiano, nas suas dificuldades de comunicação, na discriminação e os pré-conceitos encontrados nas esferas sociais e familiares. Resgatando esse aluno através da criatividade, da

descoberta do seu potencial criador, da valorização de sua identidade , unidos no pensamento do professor Jefferson Barbosa “ o ensino agora é para a vida”. (Espaço, INES, 1999, p.47)

3.2.1.2– Outras experiências mais atuais

I) Escola Municipal Professor José Américo Lomeu Bastos, Angra dos Reis .relato de experiência do Prof. Jefferson Barbosa e Profª Fabiana Barbosa Louzada , trabalho voltado para a Expressão Artística e Corporal , com a turma do Ciclo Diferenciado de adultos (C.D.3). Onde se busca o indivíduo criativo, crítico e sensível, através de atividades com o corpo, lúdicas ou jogos de improvisação, para a busca da identidade.

Procuram desenvolver no aluno a sua autonomia, num processo de observação, investigação, e experimentação das possibilidades artísticas, corporais e críticas desse aluno, com temas direcionados: Como me vejo ? Como eu vejo o mundo ? Como me vejo no mundo ? Durante esse processo acontece a criação plástica através de adereços, figurinos e cenários, usando sucatas. “ Quantas sensações presentes ao sentir o cheiro da tinta, a cola escorrendo pelos lados, a textura de cada material, a transformação da sucata.”(BARBOSA, 1999 , p. 48)

II) O Desenho ao Encontro do Adolescente Surdo , pesquisa desenvolvida pela psicóloga Drª Marta Schorn , entre 1997 e 2004 , na Escola Secundária para Surdos, Argentina. No qual demonstra a importância do desenho (desenhar) para o aluno surdo.

A Dr^a Marta Schorn , cita a afirmação de Marisa Rudolfo (1993, do livro El niño del dibujo.Edit.Paidós,1993, p.52), “ el dibujo es una ilustración a través del cual se puede asistir a una verdadera escritura em imágenes, a la génesis, al desarrollo e incluso a la modificación de un estado de cosas. “ Reforçando que o desenho permite descobrir e saber psicologicamente o que está acontecendo com aluno surdo num determinado momento de sua existência, e acrescenta que “ Denise Vasse decia – el dibujo es una verdadera escritura del inconsciente. “ (SCHORN , Anais do INES, 2004, p.105)

-Entre jovens de 15 a 20 anos, que na época usavam a Língua Oral (1997) ela solicitou que desenhassem sobre 3 temas :

- a) Desenhe um animal que mais represente você e explique o porquê.
- b) Desenhe a sua mão e escreva como é que ela parece para você.
- c) Desenhe uma aula , com professor e aluno, e fale da relação entre eles.

Estes 3 temas tinham como objetivo captar o mundo interior do adolescente, como ele percebia o mundo que o rodeava, qual a imagem inconsciente do corpo que ele tinha, aprofundar acerca da fantasia da relação professor e aluno, e utilizar o desenho projetivo para entender em que nível subjetivo eles se encontravam.

- Alguns exemplos de respostas dos alunos dialogando com seus desenhos:

a) A maioria das mulheres desenharam animais pequenos e infantis, “porque tengo nariz chica “, o “ porque tengo ojos chicos o porque soy parecida a un gato. “ Outras demonstraram profundo sentimento de desvalorização - “ porque tengo la voz de un perro” , o “ porque soy una persona que no piensa como una persona “. Os jovens representaram desenhos que manifestavam agressividade, desvalorização. Os animais se apresentavam gritando, animais que assustavam. Chamavam a atenção para a boca - “ Hablá bien , no articules mal “. (SCHORN , Anais do INES , 2004 , p.107)

b) Esse grupo de alunos, na sua maioria, foi proibido o uso da Língua de Sinais na infância, e outros se sentiam envergonhados por terem de usar a Língua de Sinais e por não falarem bem a Língua Oral. Suas respostas sobre o desenho da mão : “ porque es mi amor “ , “ porque es mas crecimiento “ , “porque puedo hablar de dos formas, porque es grande, fuerte, puedo hacer gimnasia “. A frase dita não muito tempo atrás “ no hables como los monos, no hables com las manos “ expressa com dramatismo a ferida na identidade de uma jovem de 20 anos . (SCHORN , Anais do INES, 2004, p.107)

c) suas explicações para os desenhos sobre o professor e o aluno, um exemplo: professor (seu pensamento - pensa que o professor se sente incomodado porque o aluno não entende) - “ Sos un infantil, sos un inmaduro”. O pensamento do professor provoca um sentimento de rebeldia no aluno que responde : “ yo soy grande y hago lo que quiero. “ (SCHORN , Anais do INES, 2004, p.107). Os sentimentos eram de desvalorização do aluno, intolerância pelo professor, autoritarismo e impaciência.

Em 2004, ela realiza a mesma pesquisa , porém nessa escola já se utiliza a Língua de Sinais. Nesse momento as jovens apresentam desenhos de animais fortes, figuras grandes com presença, dizendo “ aqui estoy yo” ou “esta soy yo”. Os rapazes não mais demonstram sinais de agressividade , e o esquema corporal é equilibrado. Algumas falas, “ porque são mimosos e divertidos “ , “ porque esse animal es travieso. “ (SCHORN , Anais do INES, 2004, p.109)

Sobre os desenhos das mãos, eles comentam “ serve LS, es suave “ , “la uso para hablar, tiene mucho valor “ , “ es comunicación” . E finalmente, sobre a relação professor e aluno, “ esta relación es perfecta”, “ ayda para futuro”, “ pueden hablar com tranquilidad com el profesor”, “ explica claro “ , “miran com atención “ , os alunos “ entienden al profesor “. (SCHORN , Anais do INES, 2004, p.110)

A Dr^a Marta Schorn , além de demonstrar a importância da Língua de Sinais e do Bilinguismo para a identidade do surdo, preparando-o também para a vida, ela reafirma a importância da produção gráfica (o desenho) , como um meio para se perceber as distintas transformações desse adolescente, e avaliar se os novos caminhos sociais e educacionais estão ajudando-o a cicatrizar suas feridas , permitindo construir imagens de si mesmos mais saudáveis e mais autênticas.

“ Para finalizar reafirmo que la producción gráfica es un excelente medio para el rastreo de las distintas transformaciones que el adolescente sordo va

experimentando em su proceso de subjetivación así como también permite evaluar si los nuevos cambios sociales y educacionales han ayudado a cicatrizar viejas heridas y han permitido construir imágenes de si mas sanas y mas autenticas. “ (SCHORN, Anais do INES, 2004, p.114)

3.3 – Últimas Considerações

Trabalhando com surdos desde 1992, necessitei encontrar na Arte uma nova forma de utilizá-la. Nesse capítulo tento encontrar essa forma para responder as questões que me foram impostas pela realidade . Reconhecendo a importância da Arte para o desenvolvimento da expressão humana, da criatividade, da auto-estima, do conhecimento cultural e valorização da identidade, como também um instrumento de comunicação entre duas pessoas , isso não foi o bastante quando me deparei com meus alunos surdos e em especial com a aluna (N), com a qual interajo há alguns anos.

Não possuindo língua estruturada, nem LS ou L.Portuguesa, é um exemplo de aquisição tardia da linguagem . Dentro de casa por 25 anos sem contato com qualquer pessoa, somente familiares, (N) se comunica comigo por desenhos. Melhor, tentamos nos comunicar através do desenho. Nesse momento estamos descobrindo os sinais, frases curtas, e já acontecem sequências. Algumas palavras do aprendizado do passado estão retornando a sua mente, próprias de seu período de contato com a língua oral. Com a Arte-Educação ela vivencia a Arte como comunicação, expressão e como processo criativo.

Através desse estudo percebemos que não há incompatibilidade entre a Arte-Educação e a Arteterapia, todavia tendo em vista a minha realidade,

gostaria de considerar duas situações possíveis na educação onde poderíamos utilizá-la. A primeira, numa perspectiva individual, com alunos que apresentassem dificuldades de aprendizagem. E, a segunda, mais acessível pela própria estrutura educacional, atividades em turma, esclarecendo que as turmas com surdos são normalmente pequenas.

Acrescentando exemplos de Angela Philippini e Janie Rhyne que demonstraram utilizar a arteterapia em atividades grupais, Susan Bello, Maria Cristina Urrutigaray, que valorizam o emprego da arteterapia na educação, e no passado exemplos de sua utilização na educação com Margaret Naumburg, e sua irmã Florence Cane; e finalmente exemplos de atividades com surdos citadas nesse capítulo, acreditamos ser possível empregar a arte num processo terapêutico, trabalhando suas emoções, para o seu autoconhecimento, repensando seus conflitos na família, entre amigos, na escola e outras

O surdo pode realizar qualquer atividade artística ligada ao canal visual e corporal, o educador só precisa acreditar no seu potencial criativo. Destaco algumas técnicas, que já foram citadas anteriormente por utilizarem materiais de fácil acesso, econômico, e pelo estímulo visual. Atividades essas que serão revistas no próximo capítulo, como por exemplo o desenho, o recorte/ colagem, a pintura e a modelagem. Aproveitando para destacar que com o saber da arteterapia, as técnicas expressivas e os materiais, recebem uma nova função. Antes, nas mãos do arte-educador eram utilizados somente para o desenvolvimento estético, equilíbrio interior, desenvolvimento motor e sensorial. Agora ganham uma nova roupagem, sendo considerados como agentes facilitadores para mobilizar sentimentos e emoções., numa visão arteterapêutica na educação.

CAPÍTULO IV

A ARTETERAPIA E O ALUNO SURDO

UM CAMINHO DE DESCOBERTAS

“ Art is our global language. It knows no nation, it favors no race, acknowledges no class. It speaks to our need to reveal, heal, and transform , transcends our ordinary lives and let us imagine what is possible. “ (Richard Kamler, artist and creator of the Seeing Peace)

A Arteterapia vem ao encontro do educador proporcionando-lhe o instrumental necessário para conhecer melhor o seu aluno surdo, e criando oportunidades para que esse aluno possa repensar suas emoções, expandir seu potencial criativo, elevar sua auto-estima, e se conhecer. Ela vem se unir a Arte-Educação, ampliando esse saber pertinente ao professor de Artes e canalizando seus esforços para a educação emocional desse aluno.

Nesse capítulo serão apresentadas experiências iniciais com a utilização de

técnicas expressivas e materiais, com alunos surdos adolescentes, jovens e adultos visando o autoconhecimento, e sua expressão . É um início, uma semente, uma proposta que ainda está em processo, e por isso não pretende ser a única resposta para as diversas questões provenientes do universo tão variado da comunidade surda.

O educador que entrar nesse mundo de silêncio, deve desejar conhecer a linguagem corporal, a pensar em imagens e principalmente aprender a Língua de Sinais. Esquecer a Língua Portuguesa e pensar como são importantes as imagens ou a Forma com que o surdo apreende o mundo a sua volta. Rapidamente traçaremos alguns pontos que são importantes para o surdo, onde a Arteterapia vem auxiliar.

4.1- A importância da imagem para o surdo

A falta da audição não impede o surdo de adquirir uma linguagem, nem o desenvolvimento de sua capacidade de representação. Porém, esse processo se desenvolve um pouco diferente do ouvinte já que não existe a audição. A leitura do mundo acontece principalmente através da leitura dessas imagens. Cada imagem se relaciona com outra em sucessivas relações, e através dessa estruturação de imagens, e seu fluxo, ele cria uma linguagem-vida-interior. Segundo MARQUES (Espaço,1999 , p.39 e p.43), nós podemos considerar que trabalhos plásticos de pessoas adultas surdas severas e profundas podem servir de objeto para a investigação acerca da natureza das suas imagens internas...**a obra é o próprio pensamento. O pensamento é a obra . “**

Através dessas obras percebe-se a valorização da imagem enquanto função de linguagem, isto é, a imagem como representação, comunicação e expressão do pensamento. Revelam indícios de um pensamento plástico particularizado, ricos

de símbolos, diferentes dos modelos convencionados por pessoas ouvintes, porque não estão ligados a cultura ouvinte.

Para o surdo a imagem deve aparecer em seus trabalhos como o instrumento para lembrar suas experiências. Por isso se as imagens para o surdo fazem parte de um sistema de significantes, que o ajudam a esquematizar a realidade, a “ imagem “ para eles é como a “ palavra “ para o ouvinte, desempenhando a função de reflexão e elaboração de estratégias de pensamento e ação. E, podem levá-lo à compreensão de regras, que o levarão à aquisição da Língua de Sinais, e ambas imagem x língua, irão propiciar um refinamento maior na comunicação e sua efetiva participação no mundo.

Portanto destacamos a importância do emprego de técnicas expressivas da Arteterapia, que promovam o contato com essas imagens, imagens interiores que o ajudarão no conhecimento de si mesmo, e a utilização dos conteúdos das Artes Visuais para a ampliação de seu conhecimento de mundo.

Que de acordo com MARQUES (1999) a utilização das linguagens artísticas (foto, desenho, modelagem, escultura, pintura etc) são importantes pela sua relação com as imagens, e construção da subjetividade da pessoa surda, porque através dessas linguagens o surdo poderá conquistar potenciais criativos, críticos, socializantes, integradores, conscientizadores, cognitivos e afetivos.

1. – A importância da criatividade para o surdo

Na busca de ordenação e de significados o ser humano tem necessidade de criar. Impelido pela vida , ele precisa se orientar, ordenar fenômenos,

estruturá-los, avaliá-los, e comunicar-se através dessas estruturas (formas). Para Fayga Ostrower (1987, p.10), “ o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa, ele só pode crescer , enquanto ser humano coerentemente, ordenando, dando forma, criando. “

O pensamento criador para a Gestalt é uma reconstrução de “ ggestalts”, ou configurações, estruturalmente deficientes, mas já para Freud, a criatividade se origina num conflito dentro do inconsciente (o id), que a qualquer hora o próprio inconsciente encontrará a resposta.

Sempre atrás de significados e através de um processo intuitivo, o ser humano vai ao encontro da percepção de si mesmo, e desenvolve a imaginação para ver além do imediato. Porém esse “ clima de imaginação” só irá acontecer num ambiente seguro e sem medo do erro.

O desenvolvimento da criatividade está ligado ao ambiente familiar, a escola, os amigos, o lazer que oferecem estímulos para esse exercício, mas se há repressão, e falta de estímulos, ela não se desenvolverá. Não só o surdo, mas também ele, precisará de um ambiente favorável para o desenvolvimento da criatividade. Mas , quais são as características de uma pessoa criativa ?

Susan Bello (2003, p. 222), cita a escala de Mackinnon e Maslow em seu livro, apresentando as características de uma personalidade criativa:

- ter habilidade para expressar emoções, realizar fantasias, correr riscos/coragem, abordar problemas por uma variedade de pontos de vista,

acessar regiões mais profundas do inconsciente, sentir imensamente, perceber interconexões entre novas idéias, ir além da essência de algo, ultrapassar fronteiras do pensamento tradicional, pensar globalmente, simbolicamente e expressar o self interior, expandir estimulações sensoriais, apreciar a solidão e pensar metaforicamente. Não conformistas, automotivadas, persistentes, curiosas, aventureiras, envolvidas apaixonadamente em seu projeto, senso de destino, inovadoras, valorizam cada momento organizando o tempo, geralmente otimistas, criam novos modelos, ingênuos, tem capacidade de gerar grande número de idéias, abertas a novas experiências, idealistas em vez de práticas, amplitude de interesses, usam o humor como meio para expressar idéias, não aceitam comportamento sexual exteriorotipado.

Na escola, o surdo poderá encontrar esse ambiente propício através da arte, que para Jung é uma função natural da mente humana que tem como função a estruturação do pensamento. E “ pode portanto, ser usada como um componente de “ cura “, além de a criatividade poder ter essa função em si mesma.” (ANDRADE, 2000, p.52)

Através do processo criativo, tanto na Arteterapia quanto na Arte-Educação, porque ambas utilizam a arte para o desenvolvimento da criatividade, o surdo poderá elevar a sua auto-estima , perceber seu potencial, acreditar que pode construir algo que é valorizado por ele e reconhecido pelo grupo.

1. – **O desenvolvimento do diálogo**

“ Na ausência do outro, o homem não se constrói homem . “

(Vygotsky)

Realizar atividades ou processos de arteterapia em turmas de surdos, é realizar atividades grupais. As turmas são pequenas , no máximo 12 alunos de 5ª / 8ª séries e 2º grau, e de menor número se turmas do Jardim até 4ª série. É importante salientar que para se trabalhar arteterapia em grupo , Marian Liebmann (2000, p.25) , destaca algumas vantagens e desvantagens .

1 – Vantagens :

- o aprendizado social é feito em grupos.
- pessoas com necessidades semelhantes podem encontrar soluções para problemas comuns e se apoiam mutuamente.
- há um constante “ feedback “ , que ajudarão na construção do sujeito.
- na interação as pessoas podem ter oportunidade de vivenciar outros papéis.
- Os grupos podem ser democráticos.
- Os grupos podem ser econômicos, permitindo ao especialista auxiliar várias pessoas ao mesmo tempo.

2 – Desvantagens :

- os participantes recebem menos atenção individual.
- É mais difícil manter sigilo.
- Podem ser difíceis de organizar.

- Um grupo pode ser “ rotulado “ .

Acrescentando, aproveito para abrir um parêntese e levantar uma questão importante, na Educação os alunos não estão em processo terapêutico, não escolheram estar ali para isso. Não existe um contrato terapêutico. Por isso, precisa-se ter cuidado com o aprofundamento dos temas propostos. O educador deve estar atento a demanda do grupo, e direcionar o processo tanto para questões sociais quanto pessoais, para o desenvolvimento da comunicação e linguagem, cooperação, compartilhar experiências e resolução de conflitos., incentivar os relacionamentos e autoconfiança, desenvolver a autonomia e a criatividade, expressão de sentimentos, emoções e pensamentos .

No final do processo, quando todos estiverem comentando os seus trabalhos, será o momento do surdo sinalizar, de ordenar seus pensamentos num diálogo com a sua obra e num discurso para os outros. Esse momento é importante para sua expressão e melhora da sua auto-estima . Me recordo do passado como era difícil conseguir uma opinião, um pensamento, pela insegurança do medo de errar.... mas com o processo arteterapêutico na educação, o surdo poderá trabalhar com as suas imagens internas, estruturá-las, dialogar com os outros e consigo mesmo, ter oportunidade de rever seus conceitos e enfrentar seus conflitos.

Lembramos que as técnicas expressivas e materiais farão parte ativa desse processo, já que estamos lidando com a expressão através da arte. Escolhemos duas técnicas expressivas/materiais ligadas as Artes Visuais e Arteterapia, que já foram citadas anteriormente, o desenho e o recorte/colagem.

O desenho já faz parte da rotina da Arte-Educação e através dele o professor pode conhecer o universo interior desse aluno. Aluno esse com dificuldades de comunicação na família e fora dela, e como visto anteriormente é um meio pelo qual ele criará um diálogo com ele mesmo e o mundo. O desenho de cópia enfoca a atenção na realidade exterior, é indicado para pessoas que não

conseguem dar um direcionamento em sua vida, confusas, e adolescentes. E no desenho livre, podem entrar em contato com eles mesmos, com a sua realidade interna.

O recorte/colagem ajuda no planejamento, direcionamento, e atenção , ajudando-o na estruturação de sua vida. Através dele o aluno planeja, analisa, organiza e concentra. Segundo Pain & Jarreau (1996, p. 191),” ir do sentido ao *no sens* e deste ao sentido subjetivo é, às vezes, o processo do inconsciente e da aprendizagem da linguagem oral e escrita. Portanto, essa atividade tem uma dupla ação terapêutica e pedagógica, reproduzindo de uma maneira metafórica as transformações da aventura de significar (de ser significativa).” No caso do surdo sua linguagem sinalizada. Escolheu-se essa técnica também , porque os surdos adoram registrar os seus momentos através da fotografia e de trocar imagens significativas entre eles, e por ser facilitadora para aqueles que se sentem inibidos com seus desenhos.

1. - **O início de um novo caminho**

Essa proposta tem como objetivo o conhecimento e o autoconhecimento desse aluno. As atividades foram realizadas individualmente ou em grupo. Dentro de uma proposta bilíngue com 12 turmas, entre 10 a 15 alunos por turma, na sua maioria surdos que não dominam totalmente a LS, e alguns que não possuem LS ou LP (Língua Portuguesa).

Foram selecionados alguns exemplos de cada turma (ou grupo) e suas respostas as atividades propostas. Relembrando que na sua maioria são de famílias carentes, alguns adultos trabalham em economia informal ou sub-empregos , adquiriram a LS tardiamente onde os pais não utilizam a LS, ou

conhecem alguns poucos sinais. Dependendo da doença que originou ou acompanhou a surdez, apresentarão instabilidade emocional e/ou problemas cognitivos. Os adolescentes apresentam características próprias da idade. Todos os adultos, jovens e adolescentes, apresentam defasagem em relação ao conteúdo escolar próprio para a sua idade, se comparado aos alunos ouvintes.

4.4.1– As Etapas :

1) “Eu”

- Proposta: Transformar o pentagrama de Pitágoras em sua marca. Material gráfico, lápis de cor, e canetinhas hidrográficas. Uso do desenho.

a) Sensibilização através do filme - “ Pato Donald no País da Matemática “ , onde ele apresenta o sinal de identificação do grupo de Pitágoras - o pentagrama. O surdo não utiliza o nome para identificar os amigos e se identificar, e sim um sinal estabelecido, que lembre uma característica da pessoa, por exemplo - o movimento do cabelo + a letra inicial do nome.

1- Adolescente (aluno da tarde), teve meningite aos 3 anos, sinalizou que estudou em Escola do Município. “ Mãe e Pai só sabem soletrar as palavras em LS agora, no passado não. Tem inveja do amigo porque ele está na Faculdade e ele não, tem mesma idade.” Perguntou “se Deus culpado dele pegar meningite”. Acrescentou que nunca teve comunicação com sua mãe e por isso ela não podia dizer a ele, o que podia ou não fazer.

Comentando o seu trabalho –“ gosto muito de Rock, inventar pichação palavra, árvore de natal (figura pintada de marrom), o resto são palavrões “, e não quis comentar. No grupo algumas adolescentes reclamaram -”feio palavrão, errado colocar no desenho, precisa respeito professora. Tem mulher na turma, eu não

gosto”. Iniciou-se um debate entre eles sobre o que era certo ou não fazer.(Anexo 6)

b) Atividade com recorte/colagem - recortar livremente figuras de revistas. Uso da tesoura.

Observação: A maioria trabalhou com a forma normal da diagramação das revistas, figuras em retângulos e quadrados . Exemplos de trabalhos e seus comentários.

1- Jovem (aluno da tarde) , comentou que gosta de viajar e adora futebol. Gosta de ver aves. Ama o Brasil e queria ser militar. “Gosto de ver artista música”, e queria ganhar muito dinheiro. (Anexo 7)

2- Adolescente (aluno da tarde) , adora carros, quer ter celular, “ gosta sexo e mulher. Vontade, desejo.” (Anexo 6)

3- Jovem (aluno do noturno), “a bruxa é o meu amigo R. (aluno da mesma turma), ele sempre me provoca , é um chato. Eu igual essa mulher às vezes nervoso quero bater. Quero pular de para-quedas , muito legal. Muher bonita, gostosa, sexo.” (Anexo 7)

O colega, do qual ele reclamou, se defendeu e comentou “ que ele também sempre brincadeira, por isso provoca”, mostrou também o grupo de colegas que sempre se provocavam, ” que todas as aulas iguais, e fora da sala também”.

4- Jovem (aluna do noturno), ”gosto de festa, bolo, legal. Tudo isso eu gosto, bom, gosto de comer vendo filme e adoro doce. Adoro tudo ! “(Anexo 6)

c) Recorte/colagem – recortar figuras que lembrem o seu passado , recorte com a mão. Foi incentivado que evitassem usar a diagramação já pronta das revistas e

tentassem recortar contornando as figuras .

Observação : Houve muita reclamação por usarem a mão. E muitos não conseguiram representar o passado, permaneceram no presente.

1-Adolescente (aluno da tarde), “tem muito bate-papo, conversa, família grande, festas. Pipoca cinema. Olhar ver fechadura.” (Anexo 7)

2- Adolescente (aluno da tarde),” TV, filmes que gosto, engraçado. Filme Mulher Maravilha, voava, outros filmes antigos, velhos.” (Anexo 8)

3- Adolescente (aluna da tarde), “filmes do passado, programas, antigo.Chiclete adora., comida, criança e brincadeiras. Filmes que gosta.Mulher morreu” .(Anexo 8)

4- Jovem (aluno noturno, gostou muito da atividade, fez dois trabalhos.), “filho e mãe mais importante.Casal conversa motel ir quando. Pessoas indo ver macacos no Zoo, passeio junto escola, crianças. Trabalho, água perfurar, vários furos, difícil. Limpeza carro, e cachorro (perguntei -você tem cachorro ? -” não, morreu , mas gosto”). Homem carro parou no edifício.Homem de terno computador, despacha para o Brasil ,5:30 vai embora para casa.Pessoa muito velha , vai no bar dançar e beber.Pessoa cultiva terra ,demora crescer, depois vender para fora, na feira. Jesus tempo atrás viu vazio, homem árvores, mar flores, passeia, ver animais. Jesus volta anjo proibe, tirar quatro pessoas, um ficar, homem só animais, falta mulher. Jesus vê falta mulher, avisa operar, só noite, homem dormir tirar mulher crescer, nua, depois passear.”(Anexo 9)

5- Jovem (aluno do noturno), também fez dois trabalhos, colou as figuras sem respeitar os limites do papel, e depois pediu para usar a tesoura , para cortar o que estava fora do papel , só apontou e deu o nome das figuras na ordem : “comida,casa,computador, cogumelos (ciência), avião.”(Anexo 8)

6- Jovem (aluno do noturno), “chopp gosta beber, mulher desfile, homem famoso, político”.(Anexo 8)

7- Jovem casado (noturno), “professor ensina engenharia. Cantor de rock. Daiane ginástica. Mulher importante teatro. Filho precisa estudar aprender, desenho, música, engenharia ,várias coisas, precisa escolher”.(Anexo 9)

8- Adulta (noturno),” filme de guerra soldado do passado. Pessoas de novela, teatro, cinema. Preocupada coisas de casa. Trabalho, salário e deputado. Feliz já agora formatura, professor ensinar feliz. Famoso jogador futebol, passado famoso. Já passado lembra professora. Novela, irmão surdo tinha na novela. Triste tem saudade da família na Bahia, nunca mais viu , saudade”.(Anexo 9)

d) Recorte/colagem – recortar figuras de revistas com a tesoura ou a mão. Tema: “Meus sonhos, meu futuro”

1- Adolescente (aluno da tarde , representante dos estudantes no Conselho Diretor), “eu sou aquele homem de terno e gravata, essa é minha mulher. Nós temos um filho, essas são várias coisas que eu pude comprar para ela. Sempre tomamos café juntos e eu vou trabalhar. Ela também trabalha , e nós podemos nos comunicar pelo telefone celular. Nos finais de semana nós pegamos o nosso barco e passeamos. Eu tenho uma amiga, nós conversamos às vezes. Eu trabalho com computadores, essa é a minha maleta de trabalho. Esse é o meu sonho”.(Anexo 13)

e) Recorte/colagem - recortar figuras de revistas usando a tesoura ou a mão, criar uma história.

1- Jovem casada(aluna do noturno) , “mulher pensando , olhando o tempo, a mudança do tempo. Pensa o que fazer, decide casar ter filho, espera linda

menina. Nasce é uma gracinha !” (Anexo 10)

2- Jovem (aluno do noturno), “arrumar cama ,casa. Esse é o fogão a máquina de lavar. Mesa bonita, muitas flores., arrumar bonito. Homem no trabalho conversa. Depois família vê TV na sala”. (Anexo 10)

3- Jovem (aluna do noturno) , “ a mulher está sozinha no quarto fumando, tosse e não pode fumar na cama. Eu em cima nervosa. Namorado chamou brigar... mulher triste amigo separado, na rua conversando. Na rua bicicleta, carro confusão, amigo surdo veio de noite de ônibus sentado, veio rápido, direto. Depois foi embora. TV, vídeo não vê TV. Homem separou, pagar casa própria, dois homens. Em casa , quer comida, eu falo espera, comida não tem, sempre reclama, só pega, pega, sempre mulher trabalho fazer comida, ele não. Eu sei fazer, homem não sabe. Carne, galinha, porco, várias coisas”. (Anexo 10)

f) Criando mandalas que foram realizadas com lápis e canetinhas (só desenho), depois com recorte/colagem com figuras de revistas, e recorte / colagem com papéis variados (coloridos). Tema : Livre .

Observação: Por causa da construção de alunos com recorte/colagem em forma circular, resolvemos oportunizar momentos de criação com mandalas.

A palavra Mandala , significa “ o centro “. Jung estudou as mandalas orientais e seu emprego para meditação e culto, e utilizou-as nele mesmo descobrindo seu efeito de cura. Seus estudos o levaram a definí-la como um círculo mágico que representa simbolicamente o Eu ou Self – arquétipo da Unidade Interior. Para os lamas, ela é sempre uma imagem interior construída pela imaginação nos momentos em que há o desequilíbrio psíquico. Por isso através de sua confecção

a pessoa pode chegar no autoconhecimento e a conquista da unidade interior/exterior, reconciliando os opostos.

Alguns alunos no processo de construção das mandalas, sentiram que o trabalho estava feio, apagaram e refizeram até encontrar o equilíbrio, encontrar o centro. Na sua maioria gostaram de realizá-lo e pediram para fazer mais.(Anexo 11)

2 – “ Eu e o outro “

Atualmente essa etapa está sendo realizada nas turmas, considerando suas características.

a) Cópia em desenho da pintura de Segall. Uso do lápis de cor e canetinhas. Realizada em turma com jovens e adultos do noturno. Foi pedido também que mudassem o fundo, contextualizassem, pensando onde essas pessoas estariam. Conversamos sobre o quadro e pedi que comentassem sobre o mesmo. As mulheres acharam que eram “ Mãe e filho (a) ” , e os homens que eram “ Pai e filho ” . Um aluno comentou que ao nascer o ouvinte chora , mas o surdo não. O médico fica batendo e nada, só tem silêncio. Perguntei para a turma o que eles achavam, e eles responderam que não dava para saber se as pessoas do quadro eram surdos, e que quando o médico bate, ele chora, normal.

Expressando-se através do desenho, as mulheres desenharam mãe e filho (a) , e depois relataram suas vivências quanto mães, idem para os pais, contando como eles cuidaram dos seus filhos, ou como cuidam até hoje. Os solteiros escolheram a opção “ Pai e filho “ . O mesmo aluno que havia feito aquela observação , sinalizou sobre o desenho : “ criança nasceu normal, depois ficou surda, mas seu pai sempre passeou com ela , alegria, pai comprou sorvete, e

tudo que ela queria o pai comprava, comprava. Depois criança cresceu, e estudou, fez faculdade conseguiu, se formou agora trabalha, consegue dinheiro, comprar carro”. (Anexo 12)

b) “ O Menino e a cidade “ - observação de uma fotografia. Recorte/colagem, desenho e pintura com tinta guache. Turma do horário noturno.

Conversando com a turma pedi que sinalizassem sobre aquela fotografia. O que eles estavam vendo. Foi comentado que era um menino que parecia estar pescando, outro disse que na sua opinião ele estava sozinho observando a cidade. E outro, que ele estava esperando o pai dele, e que o pai tinha ido logo ali, e já estava voltando. Perguntei se ele parecia triste ou alegre. Uns responderam “normal” (o sinal normal, significa sem mudança de sentimento, comum), pedi que me explicassem por que “normal” ?

Alguns mantiveram a mesma resposta, dando de ombros, outros não, disseram que ele estava triste porque sozinho, outro disse que sentimento paz, calma , vendo aquela cidade muita gente confusão, muita correria, carros, muitos carros. Perguntei se na opinião deles ele era surdo, alguns disseram que não dava para saber, porque surdo parece ouvinte, não dava para saber, se diferente. Um achou que era surdo porque ele triste, sozinho, longe da cidade. (Anexo 13)

c) Atividade desenho, recorte/colagem e pintura .Turma com pouquíssima LS e LP. Sensibilização através das imagens : pintura de Portinari – Os Retirantes, fotografias de Salgado e imagens diversas que mostravam pessoas pobres, trabalhadores sofridos e fome . Tema proposto : Família, pobreza, saindo de casa. Turma com pouquíssima LS e LP.

Iniciou-se a atividade comparando duas pinturas, uma de Portinari - Os Retirantes, e outra do Romantismo que mostrava duas pessoas da nobreza passeando. Cinco alunos conheciam alguns sinais e puderam participar desse momento. Pedi que sinalizassem sobre as duas pinturas.

Respostas da turma sobre a pintura de Portinari , pintura feia, pessoas feias e velhas, pés feios, família pobre, triste, parece ladrão, tem fome, precisa de ajuda, roupa, sapato, comida, copo água, casa, trabalho. Sobre a outra pintura , parece Rei, antigo chapéu, dinheiro, parece foto, roupas bonitas especiais, tem cachorro, meia, sapato, parecem casado, namorado, família rica, passeio, parece padre.

Depois viram outras imagens como as fotos de Salgado, os trabalhadores na lavoura, e fizeram comentários. Fizemos uma performance onde um grupo iria representar os Retirantes e o outro grupo o Casal passeando. Alguns logo quiseram ser a família rica. Tirou-se fotos dos dois grupos que mais tarde foram passadas para o desenho, e cada um se desenhou junto com seu grupo , criando uma nova família de Retirantes.

Propus uma história, de que esses Retirantes estavam no Rio de Janeiro e iriam visitá-los, por isso precisavam desenhar e pintar suas casas e o lugar que mais gostavam no Rio de Janeiro. Como última etapa iriam colar a família de Retirantes , no caso “ esses novos Retirantes” , onde quisessem.

Por não terem LP e muito pouca LS, observou-se as reações durante o processo. Alguns demonstraram dificuldades em desenhar, e tinham vergonha de seus

desenhos. Venceram essa barreira e perderam o medo. Esse trabalho demorou mais porque alguns tinham dificuldades motoras. Foi selecionado o trabalho de M., porque quando colou o seu desenho, ela e sua família de Retirantes, na frente de sua casa, bateu palmas e soltou uma gargalhada. (Anexo 13)

4.5– Últimas Considerações

Esse processo ainda não terminou, está apenas começando, oportunizando ao surdo conhecer o outro e a ele mesmo, através de momentos onde ele possa colocar suas emoções e repensar suas respostas. Nesse primeiro passo observou-se que essas atividades foram enriquecedoras porque através delas várias questões foram assinaladas e descobertas, acontecimentos alegres foram compartilhados, e também fatos tristes, pela falta de respeito e violência.

Percebeu-se que até o final dessa primeira etapa, eles já estavam mais soltos, participantes, querendo logo mostrar os seus trabalhos e sinalizarem sobre os mesmos. Como estão “ falantes” em LS ! Alguns estão sinalizando tão rápido que muitas vezes peço para repetirem e irem mais devagar, porque não estou conseguindo pegar tudo, há muito o que ser dito, há a necessidade de ser “ ouvido “. Na hora do diálogo e apresentação para a turma, observou-se a melhora na ordenação do pensamento e comunicação de certos alunos que tinham dificuldades na expressão de suas idéias e opiniões.

E para aqueles que não conseguiam sinalizar facilmente, percebeu-se o crescente desejo de desenhar , por isso foram distribuídos papéis para levarem para casa, onde poderiam ter mais tempo para a arte. Cito o exemplo de N. ,

jovem do horário noturno , que já trouxe alguns desenhos seus, alegre e animado porque tinha conseguido fazer vários desenhos.(Anexo 14)

Algumas questões observadas no processo de construção dos trabalhos e/ou atividades, e aquelas que foram levantadas individualmente ou em grupos (turmas), estarão sendo pontuadas ao longo do ano. Ainda há muito o que se fazer ... a semente já foi lançada, agora é preciso cuidar. Finalizo esse capítulo compartilhando algumas imagens da criatividade humana, em especial dos surdos, e duas mensagens desses seres humanos que descobriram na Arte a representação do seu interior, vide anexo 15 e 16.

CONCLUSÃO

ANEXOS

Índice de anexos

Anexo 1 >> Alfabeto Manual da LS;

Anexo 2 >> Configurações da LS ;

Anexo 3 >> Tipos de Movimentos na LS;

Anexo 4 >> Tipos de Movimento na LS ;

Anexo 5 >> Pontos de Articulações e Expressão Facial e/ou Corporal na LS;

Anexo 6 >> Trabalhos de alunos – a.1, b.2, b.4 ;

Anexo 7 >> Trabalhos de alunos – b.1, b.3, c.1 ;

Anexo 8 >> Trabalhos de alunos – c.2, c.3, c.5, c.6 ;

Anexo 9 >> Trabalhos de alunos – c.4, c.7 ,c.8;

Anexo 10 >> Trabalhos de alunos – e.1, e.2, e.3 ;

Anexo 11 >> Trabalhos de alunos – f ;

Anexo 12 >> Trabalhos de alunos – 2.a ;

Anexo 13 >> Trabalhos de alunos – 2.b, 2.c, d.1 ;

Anexo 14 >> Trabalhos com desenhos do aluno N. ;

Anexo 15 >> Trabalhos de alunos – criatividade com recorte/colagem e pintura;

Anexo 16 >> Trabalhos de alunos – mensagem com recorte e colagem.

ANEXO 1

ANEXO 2

ANEXO 3

ANEXO 4

ANEXO 5

ANEXO 6

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ÁLBUM METÓDICO E PEDAGÓGICO, Escolinha de Arte do INES. Rio de Janeiro : INES – MEC, 1965.

ANDRADE, Liomar Quinto de. Terapias expressivas . São Paulo : Vector, 2000.

ARQUEIRO. Riode Janeiro : INES, 2004 – semestral, vol.9. ISSN 1518-2495.

Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental. Ana Cláudia Afonso Valladares (organizadora), vários autores. São Paulo : Vetor, 2004.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no Ensino da Arte . São Paulo : Perspectiva, 1996 .

BARBOSA, Ana Mae . Tópicos Utópicos. Belo Horizonte :C/Arte, 1998.

BELLO, Susan. Pintando sua alma : método de desenvolvimento da personalidade criativa. Rio de Janeiro : WAK, 2003.

ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES, 1994 – vol. 4 , ano 3 . ISBN 0103-7668.

ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES, 1997 – semestral. ISSN 0103-7668.

ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES, 1998 – semestral. ISSN 0103-7668.

ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES, 1999 – semestral. ISSN 0103-7668.

ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES, 2001 – semestral. ISSN 0103-7668

ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES, 2002 – semestral. ISSN 0103-7668.

ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES, 2003 – semestral. ISSN 0103-7668

ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES,

2004 - semestral. ISSN 0103-7668

ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro :INES, 2004 – nº22, semestral. ISSN 0103-7668

FELIPE, Tanya A. Libras em contexto : curso básico. livro do estudante cursista. Brasília : Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FERNANDES, Eulália . Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FRUTIGER, Adrian. Sinais e símbolos : desenho, projeto e significado; trad. Karina Jannini. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

GRINBERG, Luiz Paulo. Jung : o homem criativo. São Paulo : FTD, 1997.

GOLDFELD, Marcia. A criança surda : linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista.. São Paulo: Plexus, 1997.

GOLDSCHMIDT, Lindomar. Sonhar , pensar e criar : a educação como experiência estética. Rio de Janeiro : Wak, 2004.

GUIMARÃES, Arthur. A inclusão que funciona. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril , 2003

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silvae Guacira Lopes Louro, 7.ed . Rio de Janeiro : DP&A, 2002.

Imagens da Transformação. Revista de Arteterapia, nº 2, vol.2. Rio de Janeiro : Pomar , 1995.

Imagens da Transformação .Revista de Arteterapia .n.4, vol.4. Rio de Janeiro: Pomar, 1997.

Imagens da Transformação .Revista de Arteterapia .n.11, vol.11. Rio de Janeiro: Pomar, 2004.

KNELLER, George F. Arte e Ciência da Criatividade, trad. José Reis. São Paulo, 1968.

Língua de Sinais e Educação do Surdo. Editor : Maria Cecília Moura, Ana Claudia B. Lodi, Maria Cristina da C. Pereira. Série de Neuropsicologia, v. 3 . São Paulo : Tec Arte, 1993.

O CLAMOR DO SILÊNCIO, Estratégia para evangelização de surdos. Rio de Janeiro : Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, [19__]

RHYNE, Janie. Arte e Gestalt : padrões que convergem, trad. Maria de Betânia Paes Norgren. São Paulo : Summus, 2000.

ROCHA, Solange. Espaço : edição comemorativa 140 anos, Histórico do INES. Belo Horizonte : Littera, 1997.

RODRIGUES, Aroldo . Psicologia Social , 11ª ed. Rio de Janeiro: Vozes,1986.

RAMOS, Cosete. O despertar do gênio : aprendendo com o cérebro inteiro. Rio de Janeiro : Qualitymark, 2002.

ROSSI, Maria Helena Wagner. Imagens que falam : leitura da arte na escola. Porto Alegre : Mediação, 2003.

SACKS, Oliver W. Vendo Vozes : uma viagem ao mundo dos surdos; trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

SÉRIE AUDIOLOGIA.Rio de Janeiro : INES , 1997 – vol II (Agosto/Dezembro).ISSN 1415 – 207X.

Seminário Surdez, Cidadania e Educação : Refletindo sobre os Processos de Exclusão e Inclusão, Anais do Seminário. Rio de Janeiro : INES, 1998.

Seminário Surdez Diversidade Social, Anais do Seminário. Rio de Janeiro : INES, 2001.

SKLIAR, Carlos. Org. A surdez : um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos. Org. A surdez : um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998_São Paulo : Ática, 2000.

Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial : área da deficiência auditiva / CENESP. Rio de Janeiro : FAE, 1984

VELÁZQUES, Carlos Callado. Educação para a paz : promovendo valores humanos na escola através da educação física e dos jogos cooperativos: trad.Maria Rocio Bustios de Veiga. Santos,SP : Projeto Cooperação, 2004.

VYGOTSKY, Jean . O teórico do ensino como processo social. Revista Escola. São Paulo : Fundação Victor Civita e Grupo Abril, 2004.

www.feneis.com.br/legislação/

www.ines.org.br

www.saudeplena.com.br/noticias/index_html?opcao=04-1508-mandalas

www.vitriol.com.br/artigo_mandalas.htm

BIBLIOGRAFIA CITADA

1-MOREIRA, Igor. O Espaço Geográfico, Geografia Geral e do Brasil. Entrevista com Eric Hobsbawn por Otávio Dias , para o jornal a Folha de S.Paulo, 30 jul. 1995. São Paulo : Ática, 2000.

2-PEREIRA, Ray. Que diferença faz ? : escolhas que marcam. São Paulo : Casa do Psicólogo, 2003.

3-Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. Relatório sobre a a dignidade humana e a paz no Brasil. - 2003 / CONIC . São Paulo : Paulinas, 2003.

4-ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro :INES,1999 – nº 12, semestral. ISSN 0103-7668

5-ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro :INES,1999 – nº 12, semestral. ISSN 0103-7668

6-ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro :INES,1999 – nº 12, semestral. ISSN 0103-7668

7-FONSECA, Vitor da. Corpo e Aprendizagem. Anais do Congresso- Educação de Surdos: Múltiplas Faces do Cotidiano Escolar. RJ : INES, 2004.

8-SACKS, Oliver W. Vendo Vozes : uma viagem ao mundo dos surdos; trad.

Laura Teixeira Motta. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

9-ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES, 2004 – nº 22, semestral. ISSN 0103-7668

10-SACKS, Oliver W. Vendo Vozes : uma viagem ao mundo dos surdos; trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

11-SKLIAR, Carlos. A reestruturação curricular e as políticas para as diferenças: o caso dos surdos – In SILVA, L. H. Da (@rg) : Identidade Social e a construção do conhecimento. Porto Alegre : Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 1997.

12-Seminário Desafios para o Próximo Milênio , Anais do Seminário. Rio de Janeiro : INES, 2000.

13-BRITO, Lucinda Ferreira . Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. Rev. Espaço., ano I, nº 1. Rio de Janeiro : INES, 1990 .

14-FELIPE, Tanya A. Libras em contexto : curso básico, livro do estudante cursista. Brasília : Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

15-ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro: INES, 1999 – semestral. ISSN 0103-7668

16-ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro:

INES,1997 – semestral. ISSN 0103-7668

17-LUZ, Renato Dente. Violência Psíquica e surdez – os caminhos de um (des)encontro. Rev.Espaço. Rio de Janeiro : INES, 2003.

18-SÁNCHEZ, Carlos. Educação Especial, vida para os surdos ! - Rev. Nova Escola, ano VII, nº 69. São Paulo : Abril , 1993.

19-PHILIPPINI, Angela. Mas o que é mesmo Arte Terapia ? . Imagens da Transformação, Revista de Arteterapia, nº5, vol. 5. Rio de Janeiro : Pomar, 1998.

20-MATURANA,Humberto R. ; VARELA, Francisco J. A árvore do conhecimento as bases biológicas da compreensão humana ; trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo : Palas Athena, 2001.

[21-www.artheals.org/power.html](http://www.artheals.org/power.html)

22-ANDRADE, Liomar Quinto de. Terapias expressivas . São Paulo : Vector, 2000.

23-PHILIPPINI, Angela. Mas o que é mesmo Arte Terapia ? . Imagens da Transformação, Revista de Arteterapia, nº5, vol. 5. Rio de Janeiro : Pomar, 1998.

24-ANDRADE, Liomar Quinto de. Terapias expressivas . São Paulo : Vector, 2000.

25-MAGALHÃES, Annabella de Araújo. Arte-Educação e o deficiente auditivo.

Monografia lato-sensu. Rio de Janeiro : Conservatório de 1988.

26-MAGALHÃES, Annabella de Araújo. Arte-Educação e o deficiente auditivo. Monografia lato-sensu. Rio de Janeiro : Conservatório de 1988.

27-BARBOSA, Ana Mae. A imagem no Ensino da Arte . São Paulo : Perspectiva, 1996 .

28-MARTINS, Mirian Celeste ; PICOSQUE, Gisa ; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino de arte : a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo : FTD, 1998.

29-MAGALHÃES, Annabella de Araújo. Arte-Educação e o deficiente auditivo. Monografia lato-sensu. Rio de Janeiro : Conservatório de 1988.

30-URRUTIGARAY, Maria Cristina. Arteterapia : a transformação pessoal pelas imagens. Rio de Janeiro : WAK, 2003.

31-URRUTIGARAY, Maria Cristina. Arteterapia : a transformação pessoal pelas imagens. Rio de Janeiro : WAK, 2003.

32-ÁLBUM METÓDICO E PEDAGÓGICO, Escolinha de Arte do INES. Rio de Janeiro : INES – MEC, 1965.

33-MAGALHÃES, Annabella de Araújo. Arte-Educação e o deficiente auditivo. Monografia lato-sensu. Rio de Janeiro : Conservatório de 1988.

34-ÁLBUM METÓDICO E PEDAGÓGICO, Escolinha de Arte do INES. Rio de Janeiro : INES – MEC, 1965. ANDRADE, Liomar Quinto de. Terapias expressivas . São Paulo : Vector, 2000.

35-ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES, 1999 – nº 12, semestral. ISSN 0103-7668

36-ESPAÇO : INFORMATIVO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO INES. Rio de Janeiro : INES, 1999 – nº 12, semestral. ISSN 0103-7668

37-SCHORN, Marta. O Desenho – ao Encontro do Adolescente Surdo. Anais do Congresso- Educação de Surdos : Múltiplas Faces do Cotidiano Escolar. RJ : INES, 2004.

38-SCHORN, Marta. O Desenho – ao Encontro do Adolescente Surdo. Anais do Congresso- Educação de Surdos : Múltiplas Faces do Cotidiano Escolar. RJ : INES, 2004.

39-SCHORN, Marta. O Desenho – ao Encontro do Adolescente Surdo. Anais do Congresso- Educação de Surdos : Múltiplas Faces do Cotidiano Escolar. RJ : INES, 2004.

40-SCHORN, Marta. O Desenho – ao Encontro do Adolescente Surdo. Anais do Congresso- Educação de Surdos : Múltiplas Faces do Cotidiano Escolar. RJ : INES, 2004.

41-SCHORN, Marta. O Desenho – ao Encontro do Adolescente Surdo. Anais do Congresso- Educação de Surdos : Múltiplas Faces do Cotidiano Escolar. RJ : INES, 2004.

42-SCHORN, Marta. O Desenho – ao Encontro do Adolescente Surdo. Anais do Congresso- Educação de Surdos : Múltiplas Faces do Cotidiano Escolar. RJ : INES, 2004.

43-SCHORN, Marta. O Desenho – ao Encontro do Adolescente Surdo. Anais do Congresso- Educação de Surdos : Múltiplas Faces do Cotidiano Escolar. RJ : INES, 2004.

44-www.artheals.org/power.html

45-MARQUES, Carla Verônica Machado. Visualidade e surdez: a revelação do pensamento plástico. Rev. Espaço – Informativo técnico-científico do INES. Rio de Janeiro : INES, 1999.

46-OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis : Vozes, 1987.

47-BELLO, Susan. Pintando sua alma : método de desenvolvimento da personalidade criativa. Rio de Janeiro : WAK, 2003.

48-ANDRADE, Liomar Quinto de. Terapias expressivas . São Paulo : Vector, 2000.

49-LIEBMANN, Marian. Exercícios de arte para grupos; trad. Rogério Migliorini. São

Paulo : Summus, 2000.

50-PAIN, Sara ; JARREAU, Gladys. Teoria e técnica da arte-terapia : a compreensão do sujeito ; trad. Rosana Severino Di Leone. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996.

ÍNDICE

FOLHA DE ROSTO 2

AGRADECIMENTO 3

DEDICATÓRIA 4

RESUMO 5

METODOLOGIA 6

SUMÁRIO 7

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO I

O SURDO – EXPERIÊNCIA DIFERENTE DE VIDA 11

1.1– Primeiro Desafio: Experimente seus olhos para ouvir 12

1.1.1 – Segundo Desafio : Ser uma não-pessoa 15

1.2-Língua de Sinais X Língua Oral 15

1. – A Língua de Sinais 15

1.3 – Últimas Considerações 17

CAPÍTULO II

ARTETERAPIA, UM NOVO CAMINHO 18

2.1– Os Símbolos 19

2.2 - Arteterapia e sua história, um breve resumo 20

2.3 - Arteterapia – o processo 21

2.4 - O valor dos materiais e as técnicas expressivas 22

2.5 - Últimas Considerações 23

CAPÍTULO III

ARTE-EDUCAÇÃO – O INÍCIO 24

3.1– A Arte-educação na Escola Especial (alunos surdos) 25

3.2- A Arte-educação + Arteterapia 26

3.2.1- Arte-educação, numa visão terapêutica 27

3.2.1.1– No INES, a busca de respostas 28

3.2.1.2- Outras experiências mais atuais 29

3.3 – Últimas Considerações 30

CAPÍTULO IV

A ARTETERAPIA E O ALUNO SURDO,UM CAMINHO
DE DESCOBERTAS 31

4.1– A importância da imagem para o surdo	32
4.2 - A importância da criatividade para o surdo	33
4.3 - O desenvolvimento do diálogo	34
4.4 - O início de um novo caminho	35
4.4.1– As Etapas	36
4.5 – Últimas Considerações	37

CONCLUSÃO 48

ANEXOS 49

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA 52

BIBLIOGRAFIA CITADA 54

ÍNDICE 55

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome da Instituição:

Título da Monografia:

Autor:

Data da entrega:

Avaliado por: Conceito:

2 O termo paciente / cliente será usado de acordo com a formação profissional do arteterapeuta. Se formação psicológica – será empregada a palavra paciente. Se formação Artística , será usada a palavra cliente, pois sua atuação será em Atelier e não em Consultório.

3 Quadro das Etapas da utilização do Espaço, Dr. Bouvet, segundo esse quadro utilizado pelos professores – criança com 5 anos de idade → etapa do grafismo - estado projetivo - p.13 do Álbum Metodológico .